

CAMPUS

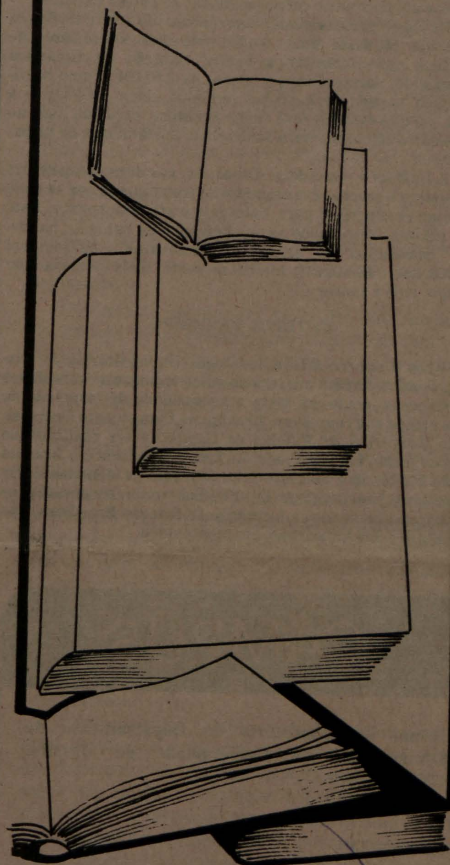
Universidade de Brasília
Departamento de Comunicação
Nº 17 — Junho de 1976

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Biblioteca Central
Coleções Especiais

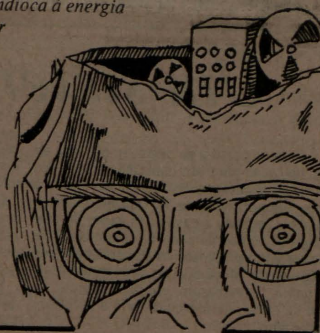


Por que não temos Desenho Animado brasileiro?

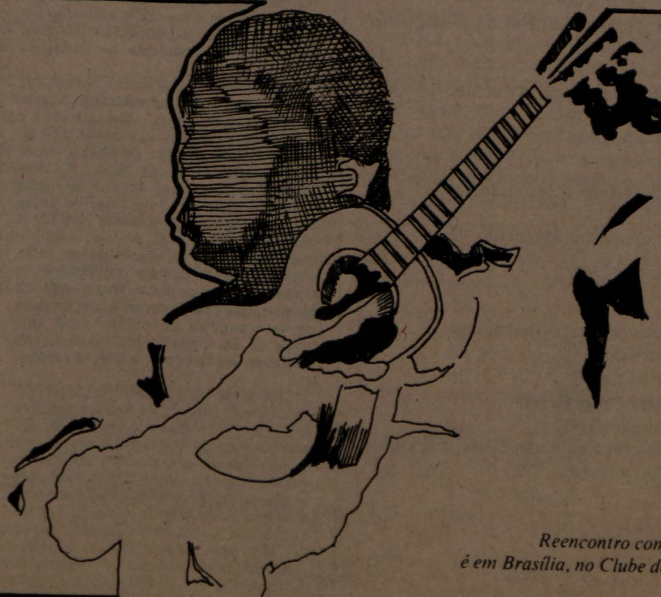
Livros vs. decibéis, o problema da Biblioteca Central



Os novos rumos da ciência em debate:
da mandioca à energia
nuclear



Radiografia do Campus Avançado:
as extensões da UnB no Araguaia



Reencontro com o passado
é em Brasília, no Clube do Chorinho

ESPORTE

Os III JUDF

O Ginásio de Esportes CEUB foi inaugurado no último dia três com a abertura dos III Jogos Universitários do Distrito Federal, incluído nas festividades de aniversário daquela universidade, que além de receber representantes das demais universidades brasileiras, também recebeu a visita de atletas da Gama Filho, do Rio de Janeiro, que aqui vieram preliar em vôlei masculino e Futebol de Salão.

Como já havia acontecido nos anos anteriores, a integração, principal ponto de interesse e da filosofia dos Jogos, foi o destaque e tal fato recebeu os maiores elogios da imprensa local, que se fez presente ao acontecimento, representada por grande parte de cronistas esportivos de jornais locais e até mesmo de correspondentes de outros Estados.

Os jogos, propriamente, começaram dia três e terão seu final dia 16 deste mês. Ainda sobre as solenidades de abertura vale ressaltar a bonita exibição de Ginástica Calistênica, apresentada por alunos da AEUDF e uma movimentada partida de handebol feminino entre o CEUB e a UnB, partida esta que teve cunho amistoso, para não fugir ao calendário elaborado para as diversas modalidades de disputas.

A UnB foi a vencedora, disparada, nas duas competições anteriores e montou um esquema de treinamento que se pode chamar de elogiável para conseguir o tri-campeonato. Este ano estamos disputando as modalidades de natação, handebol (masculino e feminino), atletismo, basquete (masculino e feminino), futebol de salão, tênis de mesa e de campo, judô e xadrez.

FUTEBOL DE CAMPO

Após o encerramento dos Jogos Universitários do Distrito Federal haverá um torneio entre todas as universidades brasileiras, tendo em vista a necessidade de formação de uma equipe que represente Brasília no Campeonato Universitário Brasileiro, de Futebol de Campo, a ser realizado no mês de junho, em São Paulo. As datas do torneio em Brasília serão 27, 28, 30 e 31 deste mês. Durante as disputas desse Brasileiro Universitário de Futebol serão observados os melhores atletas para a formação da Seleção Brasileira, que disputará o Sul-Americano, em Montevideo.

ECOLOGIA

ARBORIZAÇÃO: UM DESAFIO

"A avenida W-3 Sul foi arborizada em um dia."

Hoje, 16 anos depois, vê-se morrer, de repente, quase todas as árvores que foram plantadas em seu canteiro central.

A rapidez em cobrir áreas desnudas; a infelicidade na escolha das espécies vegetais (no caso a Cassia-siamia e a Albizzia-libeck, plantas que não são brasileiras); o plantio desordenado (usou-se o que foi encontrado nos viveiros da cidade), e isso implicou no plantio de mudas de tamanhos diferentes e de providências variadas, e a falta de uma pesquisa que indicasse os métodos corretos para a execução de uma cobertura, são algumas das muitas causas enumeradas pelo Prof. Ezechias Paulo Heringer, do Departamento de Biologia Vegetal da UnB.

Para que esse problema, que ora surge, tivesse sido evitado, o Prof. Ezechias diz que os órgãos competentes deviam se preocupar mais com as pesquisas que, necessariamente, têm que anteceder a um plano de arborização. No caso da Avenida W-3, ele comenta: "já que o tempo era curto, que pelo menos não se tivesse plantado tantos indivíduos de uma mesma espécie, e sim diversificado, ao máximo, pois as árvores se adaptassem bem seriam usadas em substituição às que não se ajustassem".

Hoje, o Prof. Heringer coordena a Estação Experimental de Biologia Vegetal da UnB, que objetiva efetuar estudos básicos de Botânica e Endrologia. Entre os trabalhos que esse centro vem desenvolvendo, um se trata de uma pesquisa sobre as flores regionais brasileiras. O Prof. Ezechias está analisando a vegetação típi-

ca de cada uma das nossas flores: a flora da Amazônia, a da Caatinga, a do Sul, a Costeira, e por fim, a flora do Cerrado. Ele está fazendo experimentos com elementos de cada uma dessas regiões, para conhecer os que melhor se adaptam ao clima e solo do cerrado.

Os primeiros resultados dessa pesquisa mostram, ao contrário do que se pensava que a flora que pode fornecer espécimes ao cerrado não é a da Caatinga, mas sim as floras da Amazônia e Costeira. O Prof. Heringer cita o exemplo de uma pachira-aquática (elemento da flora amazônica) que tem se adaptado maravilhosamente ao solo de Brasília. Na altura da quadra 707, na avenida W-3 Sul, há um belo exemplar desse vegetal.

ADAPTAÇÃO DE PLANTAS AO CLIMA TROPICAL

Adaptar pinus e eucaliptos ao clima tropical é o objetivo de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo Prof. Hidelbrando, do Departamento de Engenharia Agrônômica e Florestal da UnB.

Há uma extensa plantação de pinus (Pinus-elliotti) nas proximidades do Setor Gráfico, mas as plantas não têm apresentado um desenvolvimento satisfatório, em virtude, principalmente, da má distribuição de chuvas nessa região. O Prof. Hidelbrando está fazendo experimentos com uma outra variedade de pinheiro — o Pinus-oocarpa — e tem conseguido melhores resultados.

Quanto ao plantio de eucaliptos, surge uma antiga discussão: alguns alegam que ele suga, excessivamente, a umidade do solo; dificulta a sobrevivência da fauna e

aumenta a acidez do solo. Outros refutam esses argumentos, alegando que, ao se substituir o eucalipto, o solo volta à normalidade.

CONTROLE DO USO DE INSETICIDAS

O uso evidente e descabido de inseticidas tem se constituído numa grande preocupação para agrônomos e ecólogos.

Atualmente, o Prof. Sebastião, que ministra a disciplina Defesa Sanitária no Departamento de Engenharia Agrônômica e Florestal, está desenvolvendo uma pesquisa que objetiva encontrar novas formas para se evitar o uso excessivo de inseticidas, que acarreta — além de ser processo muito caro — grave poluição ambiental.

A pesquisa busca encontrar técnicas que venham a integrar o uso de inseticidas, combatendo-os com o uso de meios não poluentes: como o uso de feromônios, ultrassom e parasitas predadores de pragas desplantas.

A pesquisa do Prof. Sebastião está se desenvolvendo com o arroz e o repolho, na Fazenda de Água Limpa, onde os alunos dos cursos de Engenharia Agrônômica e Florestal têm suas aulas práticas.

O IMPORTANTE É PRESERVAR O MEIO AMBIENTE

O importante em tudo isso é que os pesquisadores encontrem novas soluções para os problemas que podem ser causados pela má-distribuição e empobrecimento da flora brasileira e, em especial, que se procure realizar pesquisas prévias, a fim de se evitar, que futuramente aconteça o que ora acontece nos canteiros da avenida W-3 Sul.

TECNOLOGIA

Um sistema de refrigeração

Com o objetivo de criar um sistema de refrigeração para um caminhão frigorífico de 28 toneladas que transportasse frutas a uma temperatura de 0°, aproveitando a energia liberada através dos gases de descarga do motor do próprio caminhão, três alunos e um professor do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Brasília trabalharam em um projeto de fim de curso, de março de 1975 a fevereiro deste ano.

As dificuldades enfrentadas foram, sem dúvida, muitas, a começar pelo que representou em despesas, a utilização durante seis meses, do computador B 6700 do Centro de Processamento de Dados da UnB.

De qualquer forma, porém, no dia 13 de abril último, numa apresentação à qual compareceram, além dos alunos e professores da Mecânica, engenheiros e diretores da CIBRAZEM e da CEASA, Antônio Fábio Carvalho da Silva, Jackson Rôseo Rebouças, José Antonio da Cunha Neto e o professor João Nildo de Souza Vianna, puderam finalmente provar a viabilidade técnica do projeto. Além, é claro, da natural satisfação de ver reconhecida sua capacidade profissional, o trabalho trouxe aos alunos uma menção SS na disciplina e ao professor a oportunidade de ver cumprida na prática mais uma etapa de um trabalho que começou, na realidade, em sua própria tese de mestrado.

Intitulado "Simulação e Otimização Digital de um Sistema de Refrigeração por Absorção", o trabalho é um estudo das possibilidades de utilização de um sistema de refrigeração por absorção em um caminhão frigorífico destinado ao transporte de maçãs, tendo como fonte de calor para alimentação do sistema a energia rejeitada pelo motor através dos gases de descarga. Por suas características, o maior problema de um sistema de refrigeração por absorção é o espaço necessário para sua instalação. Para tornar viável sua apli-

cação num caminhão, o estudo visou então a reduzir ao mínimo as áreas de troca de calor.

Para isso foram desenvolvidos programas para computador capazes de simular e otimizar (melhora da performance dos componentes) sistemas físicos com rapidez e precisão.

Uma vez que conseguiram comprovar que o projeto é viável no que se refere à parte técnica resta aos autores agora testar sua factibilidade no plano econômico. É justamente aí que as dificuldades recomeçam porque o departamento não dispõe de recursos que possam financiar esses estudos. Assim, a não ser que alguma entidade diretamente interessada em refrigeração resolva apoiar a complementação do trabalho ele continuará correndo o sério risco de nunca sair do plano teórico. E, até o momento, ainda não apareceram quaisquer propostas de aproveitamento do projeto. E, enquanto isso não acontece, resta apenas ainda a esperança de se conseguir montar um protótipo do sistema que possa funcionar experimentalmente no departamento ao menos como exemplo do que pode ser a contribuição do projeto idealizado, se forem fornecidas as condições para que possa se desenvolver na prática.

Ainda que responsável pela conservação dos mais variados tipos de alimentos, de carnes e verduras às frutas e ao leite, o frio artificial que conhecemos, das grandes câmaras frigoríficas e geladeiras domésticas, é obtido basicamente de dois sistemas de refrigeração de razoável simplicidade: o sistema por compressão, de origem recente, mais largamente utilizado e por isso mesmo mais conhecido (de qualquer geladeira doméstica elétrica) e o sistema de refrigeração por absorção, de origem mais remota que, apesar de mais simples e mais barato (das geladeiras a gás ou querosene), apenas muito recentemente começa a se desenvolver como uma opção vantajosa já que pressões econômicas por parte dos fabricantes de compressores de-

terminaram desvios na evolução das pesquisas científicas sobre este processo.

SISTEMA DE REFRIGERAÇÃO POR COMPRESSÃO

Desenvolvido a partir do final da década de 20, funciona pela compressão de um refrigerante (em geral Amônia ou Freon 12) que ao atingir uma pressão elevada passa através de um condensador onde libera calor para o meio ambiente e se liquefaz. Acompanhando o fluxo da compressão, o refrigerante já líquido, então, passa em seguida por uma válvula de expansão cuja função é baixar a pressão do sistema, o que modifica o ponto de ebulição do refrigerante. Quando comprimido, o refrigerante é mantido sob uma pressão que varia entre 200 a 250 psi — unidade de pressão — e ao sair da válvula de expansão cai para entre 20 a 50 psi. Da válvula de expansão o refrigerante segue para um evaporador onde volta a seu estado gasoso, absorvendo calor do meio, ou seja, resfriando-o.

Este é o sistema utilizado pelas refrigeradoras domésticas, balcões de bar, galpões frigoríficos, etc. que conhecemos. No caso, o meio a ser resfriado pelo evaporador (o congelador da geladeira, como comumente se conhece) é o interior da refrigeradora que é mantido termicamente isolado para a preservação do frio. O compressor e o motor elétrico que o movimenta são geralmente colocados na parte inferior do equipamento e o condensador é aquela peça semelhante a um radiador que cobre a parte traseira das geladeiras.

A principal vantagem do sistema é o pouco espaço que ocupa, já que suas peças são de tamanho reduzido. Por outro lado, entretanto, é um sistema dispendioso pela quantidade de energia que consome para a movimentação do compressor. Além disso também, por ser composto de muitas partes móveis, há os problemas de desgaste de peças e vibração.

CAMPUS

Jornal — Laboratório do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

Maio de 1976

EDITORIAS

Arte

Leda Magalhães, Marcilio Farias e Rogério Viana Leite

Ecologia

João Borges e Maria do Rosário Caetano

Física

Sérgio Pereira

Biblioteca

Maria das Graças Adjuto e João Bacelar

Extensão

George Diab e Luis Carlos Machado

Ensino

Raquel Santilli

Ciência

Eustáquio Narciso e Azelma Rodrigues

Atividade Universitária

Maria do Rosário Caetano

Liliane Drumond e Cesly Brasil

Ilustrações e Fotografias

Airton Maia, Nelson Penteado, Leda Magalhães e Mário Eugênio Oliveira.

APRENDIZ DE JORNALISTA:

A Difícil
Capacitação

Questionados sobre a qualidade, o desempenho e o nível do estagiário em jornal, chefes de redação do Jornal do Brasil, do Estado de S. Paulo, da Folha de S. Paulo, do Jornal de Brasília e do Correio Braziliense respondem.

“O curso pra nós pouco importa. O currículo é terrível”.

Assim, o chefe de redação do mais popular jornal brasileiro se define ao avaliar o nível de desempenho do estagiário de jornalismo. Aliás, esta é de certa maneira a opinião de quase todos os chefes de redação interrogados sobre a qualificação do estudante de jornalismo em Brasília. Um outro prefere referir-se ao estagiário como “geralmente cru, desinformado, apresentando muitas vezes séria incompatibilidade com a língua portuguesa”. Sobre a mesma questão, um editor afirma: “falta prática, e além disso, o estudante de jornalismo deveria estar melhor informado sobre política, sociologia, economia, etc.”

“O estagiário chega no jornal pensando que vai reformar o mundo. Definitivamente não sabe o que é jornal”, afirma o chefe de redação de um dos jornais de maior tiragem do País, e acrescenta: “o maior problema é a falta de prática; basta saber que está sendo submetido a um teste, o estagiário fica branco, amarelo e se treme todo. Com raras exceções, o iniciante tem medo da máquina de escrever”.

Um outro entrevistado classifica o estagiário como um elemento sempre útil ao jornal: “mesmo quando não sabe redigir ele é útil porque traz a notícia para o jornal e aqui ela é aproveitada pela redação”. E com essa maneira sutil de dizer as coisas, esse chefe de redação coloca o estagiário considerado “fraco”, a nível de menino de recados.

FALA O ESTAGIÁRIO

Assim tão espinhafrado, o estagiário de jornalismo, esse iniciante que sofre, transpira e se cansa, tem uma visão crítica da sua própria situação, e tem também suas queixas e reivindicações a fazer.

Cansada de se desgastar gratuitamente, uma estagiária de certo jornal local, que se prima por oferecer estágios não remunerados, faz o seu desabafo: “no início disseram que talvez me pagassem alguma coisa e depois de um mês resolveram não me pagar nada. Trabalhei de graça. Não havia transporte disponível nas horas necessárias e a gente ficava um tempão na rua; às vezes perdia mais de uma hora esperando pelo carro do jornal.

No que diz respeito ao seu despreparo, outros dizem:

—“Há um abismo entre a Universidade e o jornal. É como se eu não tivesse aprendido nada aqui dentro.”

—“O maior problema para mim foi o compromisso com o tempo. No início achei muito difícil ter que cobrir um fato e entregar a matéria na mesma tarde. Depois de algum tempo passei a achar mais fácil”.

—“Trabalhei três meses de graça. Não insisti pra que me pagassem. Não tenho muito jeito pra batalhar essas coisas. Acho que a gente aprende muito pouco aqui no curso. Era preciso que se tivesse muito mais

prática. Devíamos começar a escrever logo que entramos para o curso. Se tivéssemos aqui mesmo uma experiência de jornal pra valer, com compromisso de tempo, etc., seria mais fácil enfrentar o jornal lá fora.”

Depois de ser considerado academicista, reformador do mundo, semi-analfabeto e pouco prático, o estagiário quase sempre reconhece suas deficiências e acaba atribuindo essas mesmas deficiências ao próprio curso: “é fraco, incompleto e não dá embasamento profissional”.

Naturalmente não se pode exigir de um iniciante que ele esteja pronto, perfeitamente preparado, e isso alguns chefes de redação admitem. Sabe-se que nenhuma formação profissional é completa, definitiva. Toda formação universitária, independentemente da área a que se destina, tem seu prolongamento além da Universidade. Entretanto, a carência de experiência prática dos alunos do curso de graduação em jornalismo da UnB; talvez pudesse ser resolvida pela implantação de um jornal diário, ou pelo menos semanal, dentro da própria universidade; mas essa é uma possibilidade cuja concretização só poderia ocorrer a longo prazo. Tal solução implicaria uma revisão dos objetivos do curso, uma profunda reforma do currículo, maior disponibilidade de equipamentos, de professores e auxiliares de ensino.

Além do problema do próprio despreparo, todos os estagiários entrevistados apontam a escassa e muitas vezes inexistente remuneração do seu trabalho. É evidente a exploração de estagiários por parte das empresas jornalísticas. Não raro, os jornais se aproveitam da necessidade que têm os alunos em cumprir o estágio curricular de 180 horas, exigido para a graduação em jornalismo. Quase sempre desinformados sobre as determinações legais sobre a admissão e remuneração de estagiários, o aluno acaba por exercer funções de repórter profissional, sem receber a remuneração adequada.

A LEI DA REMUNERAÇÃO

O que acontece, na realidade, é que definitivamente não existe obrigatoriedade de remuneração do estágio curricular. “A empresa paga o estagiário se quiser, e nenhum dispositivo legal estabelece o contrário”, é o que diz Ana Rita Suassuna, funcionária da CODAE (Coordenação de Atividades de Extensão)

do MEC. E diz mais: “para o aluno que precisa trabalhar para se manter, a UnB oferece a bolsa de estudo, e através dela, um estágio dentro da própria Universidade”. Para Ana Rita, essa é a maneira pela qual a universidade resolve o problema sócio-econômico do aluno, ainda que seja discutível a qualidade desse estágio para atender às necessidades de capacitação do estudante.

Funcionários da Delegacia Regional do Trabalho ratificam a informação: “o estágio curricular não é obrigatoriamente remunerado; é uma exigência da Universidade e não está submetido a qualquer legislação”.

Entretanto, existe uma saída. Há uma modalidade de estágio cuja remuneração é prevista por lei: o estágio para obtenção do registro prévio de jornalista, regulamentado pelo Decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969. Esse estágio só pode ser realizado mediante contrato para exercício das funções citadas no artigo 6º do mesmo decreto. O artigo refere-se às funções de repórter, repórter no setor, rádio-repórter, redator-noticiarista, arquivista-pesquisador e revisor. Pelo Decreto-lei nº 972, ficam as empresas jornalísticas obrigadas a admitir estagiários em número correspondente a até um terço do número de repórteres admitidos. A remuneração deve ser de no mínimo um salário em vigor na região (atualmente Cr\$ 532,80 em Brasília). Acontece que para sobreviver com apenas um salário mínimo o estudante precisa aprender também a viver de brisa, que todos sabem, não é muito abundante nesta região.

A solução mais viável, e a medida mais inteligente para resolver o problema da remuneração, consiste em fazer coincidir os dois tipos de estágio, isto é, em lugar de iniciar o estágio em jornal durante os primeiros semestres do curso, convém adiá-lo para os dois últimos semestres, quando, por lei, é permitido ao aluno iniciar o estágio para efeito de registro profissional. Assim, ninguém trabalha de graça, isto é, se a justiça não falhar. Para tanto, basta que o aluno, ao iniciar o estágio, dirija-se à Delegacia Regional do Trabalho do Distrito Federal, munido dos documentos exigidos.

Convém ficar de olho na lei, principalmente aqueles que não recebem mesada da família, têm que dar duro pra defender o pão de cada dia, e pretendem, apesar das dificuldades, chegar ao exercício do jornalismo, essa profissão cheia de surpresas.





A Pedra da Riqueza

"A Pedra da Riqueza" é o curta-metragem de 15 minutos, 35mm e em preto e branco, com o qual o cineasta Wladimir Carvalho ganhou o Festival de Curta-Metragem promovido pelo *Jornal do Brasil* e copatrocinado pela Shell. O filme de Wladimir é um relato sucinto das condições de vida e trabalho nos garimpos de xilita no Nordeste brasileiro.

O cineasta paraibano documenta o sertanejo que alterna suas atividades de roceiro com as de garimpeiro na difícil busca de sobrevivência, trabalhando por produção na cata do minério.

UNIVERSO SÓCIO-CULTURAL

A exemplo dos dez curta-metragens anteriores, "A Pedra da Riqueza" está voltado para o universo sócio-cultural do homem brasileiro, particularmente do nordestino, pois, segundo o cineasta, "só poderia fazer cinema em cima do que conheço". E, assim, ele relata sua busca: "Temos procurado, em todos esses anos, seguir a trajetória do homem do campo e das periferias das cidades na tentativa de fixar seus sonhos e problemas, espelhados em seus dramas para sobreviver e no seu rico folclore".

Wladimir Carvalho acredita que os documentários que vem rodando se completam e se entrecruzam num sistema que ele classifica de "despretensioso". Segundo informou, cerca de 80% das realizações dos curtos no Brasil pertencem ao gênero de filmes que se apoiam

sobretudo na fixação e discussão de nossos valores culturais, com algumas incursões muito bem sucedidas no terreno sociológico, como tem sido constatado em todos os concursos nacionais e até mesmo internacionais.

AFINIDADES COM O PLANALTO

Depois de deixar o Nordeste, onde produziu a maioria de suas obras, Wladimir afirma haver encontrado no Planalto Central, no interior de Goiás e mesmo nos arredores de Brasília uma afinidade de temas com o trabalho a que se propôs, onde o homem humilde se constitui no principal protagonista, o grande ator natural de quem ainda não se exauriu a força interior e a resistência. "Temos filmado aqui com o mesmo entusiasmo que sentimos no Nordeste, para onde, vez por outra, retornamos, porque é lá que está a matriz de nosso trabalho", acrescentou.

DIFICULDADES

A grande dificuldade que existe no Brasil para se tornar permanente a ação do documentarista é exemplificada por Wladimir: "Em 1971 tivemos interdito o nosso longa-metragem 'O País de São Saruê', que foi também proibido no Festival de Brasília daquele ano, apesar de ter sido considerado um documento da maior importância sociológica". Embora reafirme sua posição de documentaristas inteiramente voltados para a retratação de nossa realidade, Wladimir afirma que desde a proibição de "O País de São Saruê", vem sendo obrigado a produzir versões amenizadas da proposta que nucleia o documentário proibido, opção que, embora inevitável, "deixa-nos com a desagradável sensação de estar marcando passo, de castração de nossa força de trabalho".

PERFIL DE WLADIMIR

Wladimir Carvalho, conhecido por todos os alunos do Departamento de Comunicação da UnB, está situado entre os excelentes documentaristas da atualidade. Integrou o chamado "Ciclo da Paraíba", no início do Cinema Novo. Exerceu a profissão de jornalista no Nordeste e no Rio de Janeiro. Autor de 10 curta-metragens e um longo, este último proibido pela censura, Wladimir conquistou o troféu *Humberto Mauro* com os filmes "Vestibular 70", "Inclência para um Trem de Ferro" e "Vila Boa de Goiás". "O País de São Saruê", seu longa-metragem selecionado para o Festival de Brasília de 1971, não obteve liberação da censura, sendo substituído por "Brasil Bom de Bola", cujo tema é o campeonato brasileiro de futebol, produzido por Carlos Niemayer.

"Quilombo", que trata das remanescentes de um velho quilombo no Planalto Central, e "Mutirão", que enfoca o ressurgimento da atividade artesanal num povoado de Mato Grosso, Santo Antônio dos Olhos D'Água, são seus dois últimos trabalhos, já em fase final de produção.

Carteira de Estudante Internacional

Estudantes brasileiros já podem usufruir das vantagens da Carteira Internacional de Estudante — ISTC. Seus benefícios são verdadeiras dicas para quem deseja conhecer a Europa com pouco dinheiro.

A carteira é fornecida por uma organização formada por Agências Nacionais de Viagens Estudantis do mundo inteiro. No Brasil, ela é representada pelo Student Travel Bureau de São Paulo.

O objetivo da carteira ISTC é facilitar a viagem de estudantes, com passagens e alojamentos vendidos a preços módicos. Com ela o estudante poderá ainda obter descontos ou entrada franca em museus e galerias.

Para sua concessão exige-se: idade entre 16 e 30 anos;

— comprovante de que estuda em algum curso oficial reconhecido (poderá ser uma declaração da escola, recibo atualizado ou mesmo a carteira de estudante);

— uma voto 3/4;

— pagamento de uma taxa de Cr\$ 60,00.

O endereço do STB em São Paulo é rua Estados Unidos, 483, fone: 80-3510.

A carteira poderá ser entregue no mesmo dia, desde que o estudante comprove que não mora em São Paulo. Além do endereço acima, existem postos atendimento na PUC—SP, Mackenzie, Turismo Anhembi e Fundação Getúlio Vargas. Brevemente serão instalados postos em outras cidades brasileiras.

O QUE VALE A CARTEIRA ISTC

Conforme tabela anexa, podemos verificar que os vãos estudantis são muito interessantes para quem deseja conhecer a Europa e outras partes do mundo. O voo comercial Paris—Nova Iorque por exemplo, fica por Cr\$ 2.427,00, enquanto o voo estudantil custa apenas Cr\$ 854,00.

Outra vantagem da carteira é que seu possuidor poderá dispor de uma rede de mais de 200 albergues espalhados por toda Europa. Nos albergues do STB, o estudante

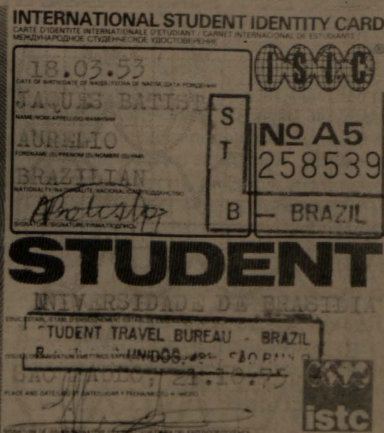
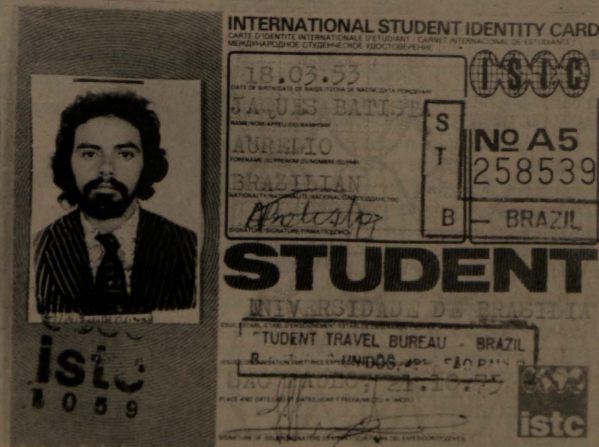
poderá ficar 4 dias pagando pequenas taxas, num ambiente que foge às características dos hotéis e pensões; aqui o viajante ficará em dormitórios coletivos (existem pavilhões masculinos e femininos), nos refeitórios as mesas são para grupos e existem ainda em cada albergue um salão de encontros, onde os jovens se reúnem para falar sobre suas viagens seus países e trocar endereços.

Além da rede STB, existem na Europa mais de 3 mil albergues. Para se obter a carteira de associado em qualquer um deles. São necessários apenas a apresentação do passaporte, um foto 3/4 e o pagamento de uma pequena taxa.

STB

O Student Travel Bureau é uma organização mundial feita por corpos estudantis e acadêmicos, funcionando completamente a parte do mundo do turismo normal. No Brasil o STB, segundo seu Presidente Godfrey M. Feldstain, vem lutando para divulgar e acostumar o estudante ao uso de todos os benefícios da carteira ISTC. O STB faz também matrículas de estudantes brasileiros que desejam fazer cursos no exterior, promove excursões e vãos especiais com até 50% de desconto. Estão programados vãos especiais para Nova Iorque, Miami, Los Angeles, Londres, Paris e outras cidades europeias. Existe também um programa chamado "HOMESTAY USA" no qual o estudante passa dois meses em San Francisco ou Los Angeles, na Califórnia, morando com uma família, fazendo um curso de inglês em algum colégio selecionado pela Coordenação.

Um voo especial São Paulo — Nova Iorque, com volta dentro de 90 dias, fica por Cr\$ 5.352,00.



CIÊNCIA

Brasília será sede da reunião anual da SBPC

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência terá sua 28ª Reunião anual, no período de 7 a 14 de julho, na Universidade de Brasília, que foi eleita para sede, em 1976, em Belo Horizonte, no ano passado, no decorrer da 27ª reunião.

A Reunião da SBPC é de importância tal, que levou a Reitoria da UnB a antecipar o término do 1º período letivo de 76, que ocorreria no dia 14 de julho, passando agora para o dia 3 do mesmo mês.

A SBPC foi fundada em 1948, por um grupo de especialistas em Ciências Biológicas, tendo mais tarde adquirido adesão dos outros ramos acadêmicos como as ciências naturais, exatas e sociais. É uma instituição que nasceu para se preocupar, fundamentalmente, com os caminhos trilhados pela Ciência, dialogando, abertamente, com as autoridades governamentais, no que se refere ao equilíbrio econômico-social do povo, responsabilidade arcada por aqueles que fazem a Ciência e tem por encargo aplicá-la ao bem-estar dos indivíduos que constituem a Nação.

Toda a comunidade científica nacional e parte da internacional se deslocará para Brasília. Para abrigar os sete mil participantes, todas as formas de alojamento serão utilizadas. Serão postos em disponibilidade 130 vagas, aproximadamente, do bloco B do Centro Desportivo da UnB. Os hotéis disponíveis (serão poucos, devido ao intenso movimento turístico nesse período) também deverão ser utilizados. As residências particulares, certamente, entrarão no esquema, uma vez que muitas famílias terão interesse em hospedar cientistas participantes. Por outro lado, serão instaladas barracas no Camping do DETUR, situado nas proximidades do Ginásio de Esportes. Além do Anexo da Brasília Palace Hotel, as Escolas do GDF, situadas na Asa Norte serão ocupadas, através da SEC, de acordo com entendimento havido entre o Embaixador Wladimir Murinho e os responsáveis pela coordenação da SBPC, tendo os usuários que pagar uma taxa diária de 10 cruzeiros.

A Reitoria da Universidade de Brasília está se empenhando em fornecer uma ajuda substancial, para que, a exemplo das reuniões anteriores, esta obtenha êxito total. Toda a infra-estrutura da COPEVE (Comissão Permanente de Vestibulares) será utilizada e haverá um auxílio total oferecido pelos Decanatos, Institutos e Departamentos da UnB. As piscinas do Centro Olímpico serão liberadas, mediante apresentação de exame médico e o Restaurante Universitário terá sua capacidade ampliada para o máximo de refeições.

Haverá, durante a Reunião, discussão dos mais variados temas,

entre eles os seguintes: "Problemas Energéticos Brasileiros", apresentado pelo professor José Goeldemberg; "Economia da Proteção Ambiental", por José de Melo Gomes; "Cultura Brasileira", pelo professor Fausto Alvim Júnior, do Departamento de Matemática da UnB; "Favelas Rurais e Urbanas", por Eva Alterman Blay; "Ecossistemas da Amazônia", por Herbert Schubart; "Educação para o Desenvolvimento", por Armando Hildebrando; "Brasil Indígena", por Carlos de Araújo Moreira Neto; "Línguas Minoritárias no Brasil", por Nelson Rossi; "Organização Funcional do Sistema Visual", pelo professor Eduardo Osvaldo Cruz; "Astronomia, Buracos Negros", pelo professor José Antônio Freitas Pacheco; "Aproveitamento da Energia Solar na Agricultura", por Isaías de Carvalho Macedo; "Pós-graduação, Por quê?", pelo professor Maurício Rocha e Silva. Serão temas de mesas redondas: "A posição das Matemáticas nas Novas Licenciaturas de Ciências", coordenado por Guilherme M. De La Penha; "Pesquisa em Turismo", por Milton Carvalho Freitas; "Ciência e Consciência", pelo professor Carlos Chagas Filho e "Mar como fonte de Energia e Alimentação", pelo Almirante Paulo Moreira. Além de outros temas para as mesas redondas, será feito um painel sobre "A Perspectiva de Crescimento Econômico para o Brasil na próxima Década", pelo professor Flávio Rabello Versiani.

As reuniões matinais ocuparão 12 anfiteatros grandes para os grandes simpósios, conferências, painéis, mesas redondas e cursos. À tarde, nas salas pequenas, eventualmente, em alguns anfiteatros, serão feitas as comunicações originais sobre os mais variados temas. Cada especialidade terá 10 minutos para apresentação do trabalho e 5 minutos para a discussão do mesmo. Os simpósios começarão, sempre, às 14 horas. Vale ressaltar um fato curioso, qual seja, o encontro dos presidentes das Associações Americanas de Ciências das 3 américas, pela primeira vez no Brasil, durante a reunião da SBPC.

Antes do início da 28ª Reunião da SBPC, mais precisamente, de 5 a 7 de julho, será realizada, na Universidade de Brasília, a X Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Física (SBF), que a partir do dia 7 se juntará a Reunião da SBPC.

Para o encontro da SBF, deverão comparecer cerca de 600 físicos brasileiros e vários estrangeiros, especialmente convidados a participarem dos trabalhos. Serão apresentados, aproximadamente, 300 comunicações científicas, resultantes dos trabalhos realizados entre julho de 1975 e 1976 e, ainda, serão oferecidos dois cursos de pós-graduação, um sobre Estado Sólido e outro sobre Partículas Elementares.

Além dessas atividades, haverá 4 conferências, Simpósios e Mesas Redondas. Estas deverão abordar temas atuais de importância para a sociedade e ciência brasileiras, tais como a participação dos cientistas e, particularmente, dos físicos, nas soluções dos problemas de energia, poluição e tecnologia.

A comissão organizadora da SBF é presidida pelo professor José de Lima Acioli e composta dos professores Bernard Marechal, Carlos Alberto da Silva Lima e José Antônio Simões Filho, todos da UnB. Essa reunião será apresentada com antecedência, a fim de que os seus trabalhos possam ser desenvolvidos sem sofrer prejuízos, que logicamente ocorreriam se fosse realizada simultaneamente à da SBPC.

As pesquisas de Física despertam menos interesse do que, por exemplo, uma discussão sobre Comunicação de Massa e Descaracterização da Cultura geraria muito menos expectativa em se tratando de matéria técnica.

Dos temas de interesse, disse o professor Acioli, um é o "Problema Energético Brasileiro", que vem sensibilizando toda a classe científica brasileira desde a realização da 27ª Reunião, ano passado, em Belo Horizonte, por ocasião da assinatura do acordo nuclear firmado entre Brasil e Alemanha. As discussões foram calorosas, especialmente, devido às argumentações dos cientistas quanto a marginalização da sua classe que não foi consultada sobre os projetos técnicos do acordo. Esse ano, porém, completou o professor Acioli, o tema será discutido, com base muito maior, porque, passado um ano depois de firmado o acordo nuclear, os cientistas, naturalmente, terão em mãos maiores dados e apresentarão, certamente, propostas mais concretas sem discussões calorosas.

Com a apresentação de temas extremamente relevantes para a Ciência e sociedade brasileiras e sendo a UnB o local, fortalece-se a massa crítica da Universidade, que tem uma oportunidade única de encontrar especialistas de vários campos para discutir seus trabalhos pessoais e conhecer o trabalho de outros.

Enfim, um diálogo amplo sem sair de casa. A UnB tem a oportunidade de abrir suas portas, mostrando todo o seu potencial presente e futuro e o nível a que chegou, apesar de estar, geograficamente, deslocada dos dois dogmáticos grandes centros: Rio e São Paulo. A SBPC servirá para mostrar ao resto do País, que Brasília, mais especificamente, a UnB pode se transformar num centro de excelência em todas as áreas do conhecimento, concentrando no Planalto Central, cérebros oriundos das áreas adjacentes, norte e nordeste.

No ano passado, por ocasião da 27ª Reunião anual da SBPC, em Belo Horizonte, os físicos brasileiros emitiram um manifesto contra o acordo nuclear firmado naquele ano entre Brasil e Alemanha. O meio científico

brasileiro, segundo os cientistas, foi marginalizado, pelo simples fato de que já vinha desenvolvendo pesquisas com urânio e não foi consultado pelas autoridades governamentais, quanto ao Acordo celebrado. Não foi, apenas, uma classe que se prejudicou, mas todo um contexto social.

Segundo Marcelo Damy, físico nuclear e professor da PUC-SP, nenhum argumento justificaria a implantação no Brasil de reatores à base de urânio enriquecido e "água leve", pois o País possui tecnologia genuinamente nacional e altamente sofisticada para reatores à base de urânio natural e "água pesada", podendo, ainda a indústria nacional atender à demanda de equipamentos para a sua implantação. Com os reatores a serem construídos pelo Acordo, as autoridades conseguiram, na opinião de Damy, criar dois problemas: marginalizar o meio científico brasileiro, que não tem como e nem onde aplicar as pesquisas que desenvolveu com urânio natural e ao mesmo tempo, desestimular a indústria nacional, já que os equipamentos dos reatores deverão ser totalmente importados do exterior.

Um outro fator que, segundo o físico nuclear, invalida a opção brasileira pelos reatores à base de urânio enriquecido, são os custos destes reatores, pois os oito quilos de urânio que sobram (rejeitos) para que se obtenha um quilo de urânio enriquecido, produz-se mais energia que o quilo enriquecido obtido e a custos mais baixos.

E mesmo que não haja, ainda, um tema escolhido para o debate na 28ª Reunião anual da SBPC em Brasília, pode-se prever que a marginalização dos cientistas brasileiros no processo decisório voltará a ser debatida e a inflamar os debates, mesas redondas e simpósios do Congresso.

As reuniões anuais da SBPC são muito importantes para os participantes, pois ainda é um dos poucos lugares onde a intelectualidade tem liberdade para se "manifestar", segundo afirmação de um dos presentes à 27ª Reunião da SBPC realizada em Belo Horizonte, no ano passado. E a palavra "manifestar" é realmente o termo correto, uma vez que em quase todas as reuniões o organismo tenta dialogar com as autoridades nacionais sobre assuntos importantes, como a rejeição ao acordo nuclear no ano passado, ou o abaixo-assinado contra a privatização de institutos de pesquisas, no Recife em 1974.

Parte da verba para essas reuniões provém do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), e o restante é completado através de anuidades dos associados. Seu presidente atual é o físico nuclear Oscar Sala e a sede da sociedade fica em São Paulo.

Resta saber se os debates propostos nessa Reunião conseguirão algo de mais objetivo — além do sentido intelectualizante à cidade — deixando de ser apenas "uma das poucas formas de ativismo existente no Brasil, embora fraco e tumultuado" como disse um sociólogo no Simpósio "Perspectivas Políticas do Brasil Contemporâneo" na Reunião do ano passado em Belo Horizonte.

A Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência vai antecipar o término das aulas na UnB

A SBPC é uma instituição que se preocupa com os caminhos trilhados pela Ciência

Quase sete mil participantes estarão em Brasília em julho

DESENHO ANIMADO

A difícil procura de uma opção para o Brasil

Existe desenho animado no Brasil? Ou melhor: existe o desenho animado brasileiro?

Duas perguntas em busca de uma (ou várias) resposta urgente.

O fato é que só de 1969 para cá é que o desenho animado começou a atravessar o limite que separa (e como separa!) o amadorismo dileitante da intenção profissional.

A rigor dois nomes se movem nesse panorama: Maurício de Souza e Stil. O primeiro saindo das histórias em quadrinhos para o cinema — um prolongamento comercial das suas "marcas" registradas (Mônica, Chico Bento, Cascão...). Já Stil manteve-se na busca de uma forma simples e direta da linguagem visual do desenho, manteve-se num prisma mais estético, de busca expressiva. Em ambos porém está a principal arrancada em torno de uma produção realmente fora do ciclo de enlatados exibidos diariamente pela televisão (Hanna-Barbera, Walt Disney e similares).

Curiosamente, Maurício fixou-se na televisão, mais especificamente na área de publicidade, produzindo quase sempre desenhos animados para venda de determinados produtos como extrato de tomate ou xampu. Stil, fiel à linha iniciada com o seu premiadíssimo "O homem de urbis", produz (com uma equipe reduzidíssima) suas "invenções livres" que — talvez pela sua antiguidade — são as únicas aceitas em nosso mercado cinematográfico, ou na televisão.

Abrem-se, portanto, dois campos para o desenho animado brasileiro: televisão e publicidade.

O primeiro, não resta dúvida, está inteiramente sob o domínio dos enlatados. É difícil para qualquer das chamadas "grandes redes" aceitar um trabalho iniciante — nem vale dizer que os méritos não são questionados.

O resultado final é que os produtores de desenhos animados mergulham na publicidade. E daí para a televisão — o que é apenas um passo.

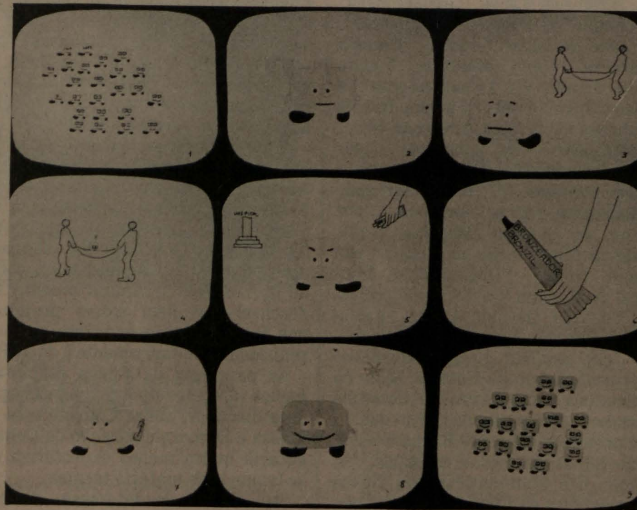
O que se vê é, entre um enlatado e outro, os desenhos animados de Maurício de Souza vendendo sabonete...

DESENHO ANIMADO NA UnB

Para os que desconhecem um curso de desenho animado é oferecido pelo Departamento de Desenho, através da matéria Expressão em Movimento.

O Professor Douglas Marques de Sá é o responsável pela cadeira e pelas aulas de Oficina de Desenho, pré-requisito da matéria Expressão em Movimento.

Basicamente as aulas desenrolam-se em continuidade às propostas de Expressão em Superfície e Expressão em Volume, que são técnicas ensinadas no curso de Desenho. Nessa fase, onde o aluno encontra o Desenho Animado, é dada maior ênfase ao emprego do tempo-movimento, requi-



Enquanto há recursos técnicos plenos, falta um incentivo mais efetivo, mesmo porque há o cinema estrangeiro, a TV e a publicidade.



A falta de personagens (e não de técnicas) é um dos problemas do nosso Desenho Animado.

Desenho Animado no Brasil? Mais que esboços, uma batalha violenta contra a dominação estrangeira.

sitos importante que tornam possível a criação da obra final, exigida como verificação do nível de aproveitamento.

O trabalho final resume-se em um filme colorido "Super-8", de dez a vinte segundos que, para ser concluído, o aluno deverá executar uma série de atividades, desde a elaboração de argumento, roteiro, desenhos ou afins até a filmagem quadro-a-quadro, seguindo o programa que consta de: a) teoria, métodos e recursos de animação, complementados por análises e críticas, semanais, de filmes de animação; b) o tempo na animação; c) o movimento na animação; d) o movimento binário, que se reverte nos primeiros exercícios onde o aluno percebe, visualmente, os dois itens, tempo e movimento. Esse movimento é obtido através de dois cartões superpostos, com desenhos semelhantes, diferenciados apenas pela posição deslocada, no segundo cartão, os quais, ao serem manuseados com auxílio do polegar, agindo como liberador, por exemplo, das páginas de um livro, em movimento contínuo, produz a sensação ótica de

movimento; e) movimento polinário, é uma variação maior do binário, onde se verifica uma série de posições deslocadas, de uma mesma figura, superpostas em cartões, com o mesmo processo de animação do anterior; f) confecções de "Story Boards", que são os cartões especialmente feitos com desenhos ou afins, que tornam possíveis o exercício de enquadramento correto dos componentes a serem filmados. Seria um roteiro em forma de história em quadrinhos pelo qual se corrigiriam as possíveis falhas do detalhamento da composição, o que permitiria ao aluno um desenvolvimento progressivo da técnica que iria utilizar em filmagens posteriores; g) esboços de argumento e roteiro para animação; h) confecção de organograma — nesse organograma serão anotados os segundos, os fotogramas, o número, as cores e os elementos de cada quadro a ser montado. Seria a representação em dados do trabalho executado; i) confecção de ilustrações (desenhos e/ou objetos, fotos e fotomontagens, recortes, bonecos, etc); j) e, finalmen-

te, a animação que varia de dez a vinte segundos, em filme "Super-8".

AS DIFICULDADES NÃO SÃO FATORES DE DESÂNIMO

O Professor Douglas queixa-se das dificuldades encontradas, principalmente as surgidas pelo ineditismo do curso, que não fazia parte das previsões do Departamento. Isso fez com que fossem geradas uma série de entraves.

Dentre os mais graves fazem-se notar a minimização do material que atende às necessidades do curso e a falta de entrosamento com outros departamentos, mais acentuadamente com o Departamento de Comunicação, o que não se justifica, já que de alguma forma a atividade de Desenho Animado se relaciona às deste Departamento, identificando-se com o processo contextual de Comunicação.

O mais curioso — e fica aqui uma proposição — é que o curso existe inteiramente desvinculado do Departamento de Comunicação. Não há sequer uma preocupação em estudar as vantagens que poderiam advir da atividade conjunta dos dois departamentos, principalmente em relação ao curso de Desenho Animado, a exemplo da Universidade Laval de Quebec, no Canadá — diz o Professor Douglas — onde é ministrado um excelente curso de programação visual do qual consta Desenho Animado I, II, III e IV.

Não seria o caso de dividir em etapas, oferecendo como pré-requisitos matérias técnicas de desenho, no próprio DES, e em continuidade, sob orientação do Departamento de Comunicação, matérias que completariam o ciclo, dando um caráter de maior validade ao curso?

Essas matérias poderiam, talvez, se investirem de duas proposições básicas: uma voltada para o ensino sistemático de técnica de desenho e desenvolvimento de criação gráfica e efeitos de expressão em superfície e em volume (seria uma Introdução à História em Quadrinhos e ao Desenho Animado). Outra, inteiramente voltada à especialização nos processos técnicos de veiculação, aprimoramento da linguagem e, talvez, o desenvolvimento do senso criativo e crítico em busca de uma maior sofisticação dos resultados obtidos.

A propósito do curso de História em Quadrinhos, oferecido pelo COM, é extremamente teorizado, perdendo muito da objetividade, em termos de formação profissional, impedindo o surgimento uma opção a mais que poderia vir a ser um excelente veículo de colocação de profissionais habilitados no mercado de trabalho.

A solução viável para a remoção da barreira seria a ligação do curso de HQ do COM, como continuidade das matérias técnicas de desenho do DES, devidamente adaptadas às novas finalidades, uma vez que o processo utilizado na iniciação do Desenho Animado

DESENHO ANIMADO

tem muito a ver com o processo inicial de Histórias em Quadrinhos.

Entretanto, com todas estas discrepâncias, com o mínimo disponível e com o máximo em disposição, o trabalho continua e o Departamento de Desenho já conta com aproximadamente cem filmetes coloridos, produto do esforço conjunto do professor Douglas e dos alunos do curso.

TÉCNICA BRASILEIRA NO EXTERIOR

O mais importante de tudo é saber que o desempenho de pessoas como o Professor Douglas, inteiramente dedicado ao seu trabalho e desprovido de falsos interesses, é notado e solicitado como demonstração de capacidade, tornando-se objeto de estudos, ao mesmo tempo em que delineia a possibilidade de ativar um intercâmbio proveitoso para o enriquecimento do ensino no campo do Desenho.

Como aconteceu?

Tudo começou — conta o Professor Douglas — quando percebi, ainda nos meus tempos em São Paulo e Rio de Janeiro, que poderia tentar desenvolver novas técnicas de aprendizagem, numa tentativa de suprir as minhas próprias deficiências ao me deparar com processos pouco didáticos que dificultavam a minha compreensão.

Ainda na Universidade Federal do Rio, quando cursava Desenho, surgiu uma oportunidade de experimentar o que já amadurecera do meu pensamento teórico. O professor que orientava meu grupo viajou e deixou-me em seu lugar, na função de orientador substituto. Foi aí que pude verificar se estava no caminho certo. De posse dessa certeza fui pouco a pouco desenvolvendo um método didático próprio até conseguir o que hoje utilizo no Departamento de Desenho da UnB.

O método possibilitou a redução do tempo, que normalmente num curso semelhante seria de três semestres, para apenas um, e o que é interessante, sem prejuízo algum para o aluno. Ao contrário, verifiquei que o índice de aproveitamento é bem maior que o de um curso mais distendido.

Em minhas andanças pela Embaixada do Canadá em busca de material para minhas aulas na UnB, tomei conhecimento do curso de preparação visual da Universidade Laval de Quebec. Antes já havia discutido a viabilidade de fazer um curso no Canadá e como a Universidade Laval possui exatamente o que procurava em relação a uma experiência nova em didática de Desenho Animado, com seus cursos Desenho Animado I, II, III e IV, me propus, através da Embaixada, a ir até lá. O pedido foi encaminhado juntamente com um programa mais detalhado do curso de Expressão em Movimento.

Então recebi a proposta que, em troca do curso de Desenho que solicitara — que vai desde a elaboração elementar do material, passando por várias fases, até a sonorização — daria

um curso de Oficina de Desenho, durante minha permanência naquela Universidade. A viagem está marcada para o fim do ano e o curso terá a duração de quatro meses.

Segundo o Professor Douglas, um outro fator importante que o levou a Quebec, no Canadá, foi a vantagem de poder dar o curso em francês, uma vez que quase todas as pessoas convidadas utilizam o idioma inglês. Com isso abriu-se a porta que facilitou ainda mais sua ida, pois a região de Quebec fica justamente na parte de maior influência francesa.

COMUNICAÇÃO PARA EDUCAR E ARTE PARA CURAR

Em termos de mensagem, o trabalho desenvolvido pelo Professor Douglas volta-se exclusivamente para a educação. É uma forma de arte educacional que, além de se constituir em grande parte no exercício de lazer que proporciona, tem a preocupação de preparar técnicos para uma atuação madura de profissionais capacitados.

Artes, de maneira geral, são relegadas a um plano inferior de importância, dado, talvez, ao desconhecimento dos benefícios que advêm de sua ação equilibradora.

Em se tratando, por exemplo, dos transtornos provocados pelo crescimento urbano, os vetores que aceleram este crescimento agem como forças catalizadoras no surgimento da agitação do homem moderno. Estas forças podem ser identificadas no desenvolvimento do complexo industrial, na dinâmica do setor econômico e na padronização das funções altamente técnicas, que dentre outras, se constituem num legado de consequências perniciosas deste "desarrollo". A poluição do ar, da água e a poluição sonora. Os desgastes nervosos, o corre-corre incessante e uma noite intranquila pela excessiva ativação do sistema nervoso se eclipsa com o surgimento de um sem-número de doenças de origem nervosa: deficiências cardíacas, gastro-intestinais, auditivas, renais, etc., não se esquecendo das enxaquecas e distúrbios psíquicos que conduzem, infalivelmente, a uma forma de desequilíbrio.

O tratamento da maioria desses distúrbios pode ter nas diversas modalidades de arte, coadjuvantes vitais para a recuperação de uma vítima das agitações da vida moderna.

O homem deste conjunto, aparentemente integrado em sua forma física de grupo, se desintegra em sua intimidade, quer na célula familiar, quer nas células do seu próprio organismo.

Não seria a cultivação de um dom original uma atenuante para os males que o atormentam?

O desenvolvimento da sensibilidade poderia minar o ser embruteado que está sendo gerado, colocando em seu lugar um homem jovial, mais resistente e mais saudável, o que poderia se concluir, pelas palavras do Professor Douglas: "talvez o homem até conseguiria viver mais".

CLUBE DO CHORO

Em Brasília, preservar o passado é preocupação

No início de 1975, alguns músicos e pessoas interessadas pelo CHORO se uniram e fundaram o Clube do Choro no Rio de Janeiro. Criaram as comissões encarregadas da organização do clube, que tinha como meta a difusão do CHORO para um público que não o conhecia ou que perdera o contato com essa forma musical, precisando então reavivá-la. Partiram para a promoção de encontros de chorões onde eram apresentadas composições tradicionais e outras mais recentes.

Agora também aqui em Brasília surge o Clube do Choro, após um ano de existência do clube do Rio, com as mesmas preocupações, procurando preservar o CHORO.

Os choristas brasileiros se reuniram no auditório do Departamento de Música da Universidade de Brasília no dia dez de abril passado, iniciando com essa primeira mostra uma série de apresentações que pretendem promover.

O Clube é composto por diversos músicos cujas participações não são necessariamente permanentes; existe um núcleo mais ou menos fixo que articula todo o movimento, havendo também uma abertura para aqueles que se interessam pelo CHORO e pretendem tomar parte no grupo esporadicamente.

A base do conjunto é constituída pelos músicos: Avena de Castro — citarista, arranjador e compositor; Eli — cavaquinho; Pernambuco — pandeiro; Edgardo — violão; Valério — violão; Hamilton — Violão; Odete Ernest Dias — flauta; e Celso Cruz — clarinete, os dois últimos são professores da UnB. Periodicamente outros músicos integrarão o grupo, tais como Waldir Azevedo, Bide, Nivaldo, etc...

Ainda não há nada de definitivo quanto a sua estrutura, pois a formação do clube é recente e as coisas ainda estão se delineando. A Fundação Cultural cedeu o

Teatro Galpão para os encontros dos choristas, e com o apoio do MEC estes pretendem realizar apresentações do grupo nas cidades-satélites.

No repertório temos composições de: Callado, Anacleto de Medeiros, Patápio Silva, Ernesto Nazareth, Viriato de Souza, Luiz Americano, Pixinguinha, Jacob Bittencourt, Benedito Lacerda, Avena de Castro, Rui Quaresma e outros. O Clube de Choro de Brasília tem também o interesse de mostrar a produção mais recente dessa riquíssima expressão da música popular brasileira.

O CHORO

O CHORO é conhecido como gênero de música instrumental executado normalmente por um conjunto formado de cavaquinho, dois violões (sendo um de sete cordas), percussão e um instrumento solista, em geral flauta ou bandolim, ou seja, um regional.

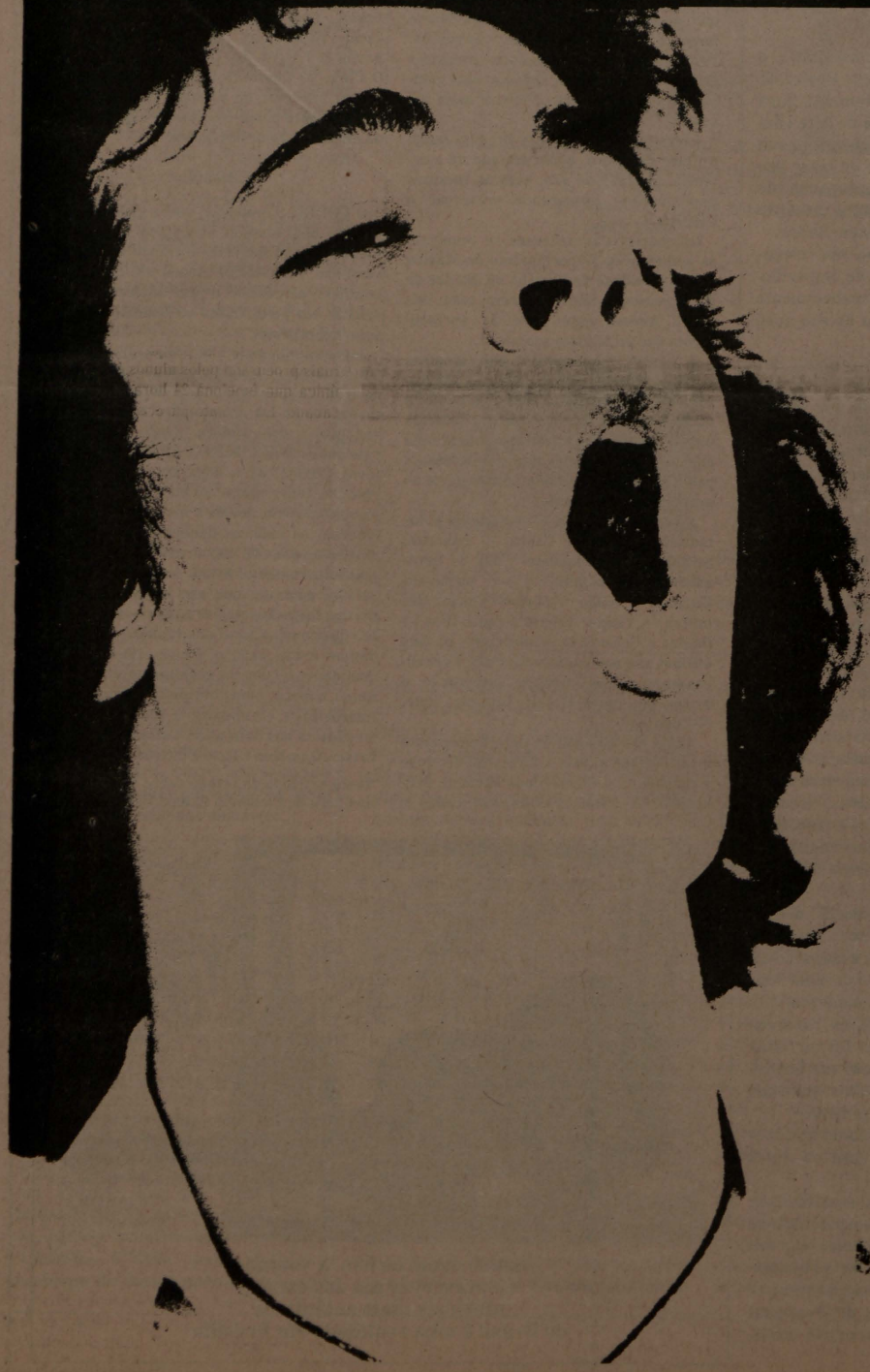
Joaquim Antônio da Silva Callado (1848-1880), exímio flautista, professor do INM e também compositor; foi o primeiro que se fez acompanhar de um cavaquinho e dois violões, dando nome a esse quarteto de CHORO CARIOCA. A palavra CHORO dá a idéia de cordas que choram, como chorar no pinho, ou lundunchorado, talvez, devido à maneira de executarem as músicas daquela época. Vemos então que CHORO dava nome ao conjunto instrumental e não ao gênero executado, uma vez que não havia tipo de música formal exclusiva para ele. O CHORO designava o local das reuniões, pagodes ou festas onde o grupo exibía suas qualidades. O chorão geralmente era um ótimo músico, bom melodista e também improvisava. Os chorões se reuniam com frequência nos bairros do Catumbi, Santo Cristo, Gamboa, Glória e Catete.

Texto extraído do estudo sobre As Raízes do Choro de Elizabeth Ernest Dias.



Saudosismo ou não, a vontade de preservar um dos estilos musicais mais autênticos do Brasil é uma realidade em Brasília

CALA A BOCA AÍ, PÔ!



Quantas vezes você já foi obrigado a dizer isso, heim!?

É... e quantas vezes tiveram que dizer isso a você? Pois é... enquanto o barulho incomoda o cara do lado, tudo bem.

Já pensou?

Ele mora numa vaga, tá sem dinheiro, sem tempo e tem prova amanhã.

Ainda por cima, o livro que ele precisa tá na sala de reserva.

É um lascado, né?

Aí você sacode os ombros:

“e daí? Eu não tenho nada com isso!...”

Que colegão você é, heim?

O mais engraçado é que os direitos dele são iguaizinhos aos seus.

Ele também aguenta a má iluminação, a falta de ventilação, espaço, os livros mutilados

(pelos que não conhecem Xerox)

e a falta de paciência de outros mais cansados.

5.000 pessoas circulam diariamente na Biblioteca da UnB.

A maioria, colegas seus, dependendo dos livros e do silêncio pra estudar.

Coopere. Você sabe o quanto é chato ser mando calar a boca.



BIBLIOTECA

Na falta de opções, local de estudo é ambiente de lazer

Uma recente pesquisa revelou que o estudante da Universidade de Brasília, sem outra opção, faz da Biblioteca Central o seu ponto de lazer. Depois de almoçar no restaurante, dirige-se para a biblioteca. Lá ele tem diversas opções, desde dormir nos sofás até mesmo a de um bate-papo com os amigos. Com isso parece que a biblioteca vem perdendo a sua função básica que é a de dar condições de estudo e pesquisa ao estudante universitário.

Ao cobrir de certa forma a falta de um local de lazer, a biblioteca tem vivido uma "crise de barulho" que já está se tornando alarmante e crítica. As pessoas diretamente ligadas à sua administração têm sentido bem de perto o problema. Tudo isso tem acarretado algumas dificuldades para se trabalhar lá dentro, além de prejuízos para os próprios estudantes. Conforme revelações de funcionários e alunos que frequentam a biblioteca não tem sido raras as vezes em que o ambiente dá mais uma impressão de festa do que propriamente de estudo. Isso leva algumas pessoas a se afastarem do local para conseguir estudar.

O reitor da UnB, professor José Carlos de Azevedo, visitando recentemente a biblioteca preocupou-se com a situação. Pediu então aos seus administradores uma providência imediata. Há diversas sugestões para que se realize uma significativa "campanha de silêncio". Não se pensou em que moldes ela deverá ser feita e nem mesmo se essa será a solução eficaz. Isso porque as causas do problema estão um pouco além da falta de conscientização dos alunos. Parece que elas se encontram na própria estrutura da Universidade que ainda não oferece aos estudantes um centro de lazer ou um local adequado para as suas horas de descanso. Entretanto o projeto existe. Essa foi a afirmação do professor Raimundo Santana, decano de assuntos comunitários: — "está prevista dentro do plano da UnB toda a infraestrutura necessária ao desenvolvimento das atividades de lazer e culturais a exemplo do centro comunitário, do clube universitário além da dinamização do Centro Desportivo como área de lazer. Sua construção está na dependência da obtenção dos recursos necessários".



Uma pesquisa feita por alunos de publicidade do Departamento de Comunicação sob a direção da professora Maria de Lourdes concluiu que todo o problema se deve realmente a falta de um Centro de Lazer. Foi aplicado um questionário de trinta e oito questões em cem frequentadores da biblioteca. Através dele várias constatações surgiram:

— O estudante da UnB, depois de almoçar no restaurante dirige-se para a biblioteca já que não existe um local para o seu descanso. Ai ele tem várias opções: ou vai dormir confortavelmente nos sofás ou vai bater papo com os amigos.

— A biblioteca é o único local iluminado à noite em toda a área do campus universitário.

— Os seus banheiros estão sempre em condições de serem utilizados. São conservados limpos constantemente e geralmente oferecem papel higiênico e sabonete.

— Há vários bebedouros pelas suas dependências. Isso definitivamente não existe pelo minhocão e são encontrados em uma ou outra faculdade.

— A biblioteca é sempre um ponto de encontro.

— A lanchonete está em melhores condições de funcionamento.

— O Centro Olímpico que poderia cobrir de certa maneira a falta do centro de lazer, possui horários rígidos de fun-

cionamento. Com isso nem sempre atende as necessidades dos alunos.

A verdade é que os problemas não se resumem a esse lado da situação. Enquanto a biblioteca faz suas reclamações também os estudantes vêm deficiências naquele local de estudo.

O acervo da Biblioteca Central é considerado desatualizado pelos estudantes. Segundo a opinião de funcionários isso nem sempre é culpa da biblioteca já que também dependem da "boa vontade" dos departamentos. Esses, todo ano, mais ou menos em novembro, recebem uma circular solicitando bibliografia mínima para os seus cursos. Na maioria das vezes, a resposta chega com atraso o que impossibilita um atendimento imediato por parte da biblioteca. Por outro lado, a verba é realmente insuficiente para as compras dos livros.

"O acervo da biblioteca está tão obsoleto que quando fui fazer uma consulta sobre a gramática portuguesa só encontrei a edição de 1937 e uma editada em Portugal. Uma outra deficiência é a grande quantidade de livros estrangeiros em detrimento dos nacionais. Por exemplo, se você quiser fazer uma pesquisa sobre a História do Brasil terá grande dificuldade em encontrar fontes. Por outro lado um trabalho sobre a História da América do Norte contará com um acervo

volumoso. Essa é a declaração de uma aluna do Departamento de Letras, frequentadora diária da biblioteca.

O acesso aos periódicos passou a sofrer restrições desde que revistas científicas e técnicas chegaram a ser até mesmo destruídas. Hoje, só professores e alunos de pós-graduação tem livre acesso às estantes. Os graduandos, quando interessados, têm de recorrer aos funcionários. Os alunos são unânimes em afirmar que não concordam com essa atitude pois os periódicos representam a parte mais rica e atualizada de informações da biblioteca.

Com base na pesquisa feita, a sala mais procurada pelos alunos é a Reserva, a única que funciona 24 horas de segunda a sábado. Entretanto parece que o seu espaço já é pequeno para o grande número de pessoas que por ali circulam. A reserva é um dos locais onde o problema do barulho se mostra mais ostensivamente.

Os estudantes foram também convidados a sugerir melhorias para a biblioteca e soluções para os seus problemas. Abordando vários fatores que os tem prejudicado eles se manifestaram:

Melhorar a iluminação, colocando mais lâmpadas e trocando as que vão queimando.

Colocar iluminação do lado de fora da biblioteca bem como em todo o campus.

Dar condições para os estudantes fazerem trabalhos e estudar em outros locais e não só na biblioteca. Criar salas no minhocão e nos próprios departamentos.

Tornar o C.O. mais aberto e mais cheio de vida. Abri-lo também aos domingos e feriados o dia todo.

Criar um local de lazer onde os estudantes possam ouvir música, praticar jogos em geral (xadrez, dama, ping-pong), ler jornais e revistas e mesmo bater papo.

Ao serem interrogados se o barulho na biblioteca constitui realmente um problema, os próprios estudantes se manifestaram significativamente: oitenta por cento disseram sim. Como se vê, o problema não é tão simples como pode parecer à primeira vista. As justificativas dos alunos parecem ser muito fortes para que a coisa se resolva com uma simples campanha de silêncio. Os argumentos reforçam a idéia de que a solução não está ao nível dos estudantes. Enquanto um outro local não surgir, a biblioteca continuará sendo a opção, mesmo em prejuízo daqueles que para lá se dirigem com a finalidade de estudar. Parece que o jeito é esperar pela solução. E enquanto ela não chega, uma previsão pode até mesmo ser feita com base nos dados levantados: todos os caminhos continuarão levando os estudantes da UnB para a Biblioteca Central.

NOTA EXPLICATIVA

Esta matéria deveria ter sido publicada na edição do Campus do semestre anterior, que, devido a problemas diversos, não chegou a ser impressa. Considerando, entretanto, a atualidade da reportagem e a importância de seu conteúdo, julgou-se oportuno publicá-la nesta edição, depois de feitas as correções que se tornaram necessárias.

O Campus Avançado de Barra do Garças/Aragarças

No final de setembro de 1975 mais um grupo da UnB chegava ao Campus Avançado em Aragarças. Desta vez eram doze alunos do Curso de Comunicação dispostos a atender ao pedido de Valdon Varjão, Prefeito da cidade de Barra do Garças ("querida e dileta irmã, separada pela quietude do Araguaia e o reboer constante do Garças, mas unida pelo braço de concreto"). Varjão queria que se publicasse uma "edição especial do Campus" sobre o potencial turístico de seu município.

"A região oferece inúmeros atrativos para o turista", diria ele, no dia seguinte à chegada, aos estudantes reunidos em seu confortável gabinete atapetado e equipado com ar condicionado. "Aqui temos garimpo de diamantes, rios piscosos, a beleza natural da floresta amazônica logo aqui no norte, e, além disso, os índios ainda em estado primitivo! E... quanto aos índios, talvez seja melhor não falar muito, porque o assunto é um tanto melindroso..."

E entre piadinhas e estrondosas gargalhadas, despediu-se, sugerindo ao pessoal que florescesse um pouco a coisa, botando umas mentirinhas aqui e ali, "como todo jornal faz, né?"

Com a condução do Campus Avançado, e mais uma camionete e um aviãozinho colocados à disposição pela prefeitura, os estudantes puderam em 4 dias fazer o reconhecimento da área. Depois disso, preferiram não comunicar diretamente ao Prefeito que a tal "edição especial do Campus" sobre o "potencial turístico" da região não ia dar para sair.

São 600 km a distância até Brasília, e nos 200 km de estrada de terra os ônibus vão batendo lata, quando não quebram pelo caminho. Os hotéis mais confortáveis da cidade (que entre outros títulos detêm o de ser uma das mais quentes do País), salvo uma única exceção de ar condicionado, possuem apenas aqueles ventiladores oscilantes. A incidência de malária é muito grande, sendo temeridade beber água do rio ou da bica. Em 1975, constatou-se que até mesmo a água que abastece a caixa de Barra do Garças estava contaminada. "O Prefeito ainda não sabe, não", disseram, "mas isso, é claro, não convém publicar, porque pode alarmar a população."

Quanto aos "índios em estado primitivo", e que por determinação do Governo não podem ser explorados para fins turísticos, pode-se ver que eles estão um pouco resabiados, nos contatos com posseiros e fazendeiros, o que é motivo para preocupações da FUNAI.

Se ficou claro que, para o turista convencional, a região não é das mais convidativas, para o universitário, pelo contrário, existe muito para observar.

A área de atuação do Campus Avançado abrange quatro municípios de Goiás (Aragarças, Balisa, Bom Jardim e Montes Claros) e três de Mato Grosso (Barra do Garças, Torixoréu e General Carneiro).

Depois que, em Mato Grosso, graças aos incentivos fiscais da SUDAM, começaram a surgir as grandes "fazendas S.A.", para exploração de atividades agropecuárias, as coisas mudaram por lá. O município de Barra do Garças, um dos maiores do País, passou a conhecer um surto de desenvolvimento pouco comum. Viajando em ônibus ou em caminhões, levava sucessivas de sulistas, mineiros, goianos e nordestinos não param de chegar à região. Os Gatos já estão a sua espera e depois de percorrerem todas as pensões, carregam o maior número possível de peões para o trabalho de colonização das S.A.

Ai começa o rápido desmatamento.

Onde antes existiam o cerrado, florestas e agricultura de subsistência, aparecem os pastos de capim colônio e o gado Nelore. Essas S.A. são verdadeiras cidades, com uma atividade única. A poderosa Suia-Missu, que conta com a participação acionária do Vaticano, é apontada como uma das maiores do mundo no gênero. Possui campo de pouso para pequenos aviões, escola, farmácia, armazém, consultórios dentário e médico, oficinas, ruas arborizadas, dois mil peões e 150 mil cabeças de gado.

José Casals del Rey Júnior, paulista, proprietário de "algumas fazendinhas de gado" e um dos maiores investidores das redondezas, afirma que a região é o "Novo Eldorado" e que "muito em breve será também o grande celeiro do Brasil".

— Meus filhos, aqui só não enriquece quem não quer. Há muito dinheiro pr'a todo mundo. O problema é que o pessoal daqui não é muito apegado ao trabalho... É justo que um cara que trabalha quatro horas por dia ganhe o mesmo que eu, que trabalho 16?...

A visão ufanista de José Casals e de alguns outros, que estão fazendo fortuna, não consegue esconder, contudo, a precariedade das condições de vida da maioria.

Na ausência de um saneamento básico e de um programa mínimo de saúde (existem alguns postos de saúde completamente abandonados), as endemias continuam a se alastrar. Além da malária, são comuns os casos de subnutrição, verminoses, tuberculose e leishmaniose (úlceras de Bauru).

O reduzido número de salas de aulas e a falta de melhor preparo e de condições de trabalho das professoras tornam o sistema escolar extremamente falho.

Estradas péssimas e a ganância dos intermediários prejudicam o abastecimento das cidades, encarecendo absurdamente os gêneros de primeira necessidade.

Agora, junta-se a tudo isso uma das rendas "per capita" mais baixas do País (Cr\$ 1.800 por ano) e o fato de que 70 por cento da população têm rendimentos inferiores ao salário mínimo.

Uma grande enchente em 74 e nenhum estudante para ajudar

Jorge Barros, professor do Departamento de Geociências, então Diretor do Campus Avançado (atualmente coordenador do G.T.U.):

— É preciso que a Universidade assuma o Campus. Precisamos encontrar uma maneira de motivar os alunos e professores a participarem mais. Talvez se eles soubessem da quantidade e da gama de problemas que temos de enfrentar por aqui...

Na tarde em que a equipe de Comunicação chegava de Brasília, o professor Jorge já estava à sua espera. Bastante cordial e solícito foi convidando a todos para conhecerem as acomodações, bem confortáveis por sinal (quartos com banheiro completo, camas-geliche e aparelho de ar condicionado; uma pequena biblioteca e uma sala de estar).

Naquela ocasião, o Campus ocupava apenas uma pequena ala do prédio pertencente ao Consórcio dos Municípios do Médio-Araguaia (a construção é da época da extinta Fundação Brasil Central e funcionou até pouco tempo atrás como hotel). Com a recente assinatura de um convênio entre o Projeto Rondon e o Consórcio, este se comprometeu a ceder todo o edifício pelo prazo de 5 anos, enquanto que o Rondon aplicou verba de Cr\$ 200 mil na reforma completa das instalações.

Na área de 30 mil metros quadrados doada ao Campus pela prefeitura de Barra do Garças (onde originariamente seria levantada a sede definitiva) será construída uma praça de esportes. Depois da obra concluída, o terreno será doado de volta à prefeitura.

Crise

1973 foi um ano de crise. Quando os alunos e docentes de Medicina, que estagiavam no Hospital Getúlio Vargas em regime internato, abandonaram Aragarças por falta de condições de trabalho e alimentação, as atividades do Campus entraram em rápido declínio. Em pouco tempo tudo estava em completo abandono.

A situação chegou a tal ponto, que o Projeto Rondon se viu obrigado a solicitar providências urgentes à Administração da Universidade de Brasília. Em agosto de 74, a Reitoria aprovou o Regulamento do Campus, colocando-o sob a supervisão direta da Câmara de Extensão da UnB.

Foi nessa época de crise que o professor Jorge assumiu suas funções em Aragarças, com a in-

cumbência de criar uma estrutura administrativa e financeira que permitisse o reinício dos trabalhos. Pelo que ele conta, as coisas não estavam bem paradas:

— Quando cheguei, moravam aqui no prédio o Diretor Adjunto (um ex-aluno formado na UnB) e mais vinte sujeitos que não pertenciam ao Rondon, com direito a casa, comida e carro à disposição. Todo mundo que andava por aí, sem ter o que fazer, se alojava... Seis meses sem vir um professor, um aluno, seis meses sem um único relatório para Brasília. O prefeito de Aragarças, o Dr. José de Barros, chamava isso aqui de "Campus Avacalhado". No início de 74, houve uma grande enchente no rio, com problemas de doenças e gente sem casa. Pois bem, não houve um estudante que tivesse vindo para ajudar! Ah, quando cheguei, fiquei apavorado com a coisa e em dois meses botei todo mundo pr'a correr! As falhas foram sendo notadas.

— Devagar tudo está se ajustando. Teremos que fazer algumas modificações em nossa metodologia de trabalho. O excesso de levantamentos sócio-econômicos e de questionários, por exemplo, deixou nossa relação com a população um tanto saturada. Uma outra coisa que precisa haver é um melhor entrosamento entre os estagiários de Letras e de Educação e as professoras locais, para que seu trabalho não sofra solução de continuidade.

E há bastante planos e otimismo:

— Propusemos ao Governo do Estado de Goiás ficarmos com a administração do Colégio Estadual "31 de Março", em Aragarças, e parece que irão aceitar. Em Balisa, a prefeitura comprou instrumentos para formar uma banda e precisamos de alunos de Música para ajudá-los. Pretendemos também reabrir o internato de Medicina. Gradativamente, firmaremos um bom conceito junto às comunidades.

Ele não acreditava no Campus Avançado

— Alguém tem que se decidir e vir para o interior, tentar montar uma equipe, abrir caminho e criar condições de trabalho. Porque ninguém, ficando lá em Brasília, estudando e passando uma semana aqui, apenas curtindo o Araguaia, vai resolver alguma coisa.

A opinião é de Humberto de Campos, arquiteto formado pela UnB e que está em Aragarças desde agosto de 1975, dirigindo o Consórcio dos Municípios do Médio-Araguaia, órgão criado em 1973 pela SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste), com o objetivo de atuar no desenvolvimento dos municípios de Aragarças, Barra do Garças e Torixoréu.

O Consórcio dos Municípios tem a seu cargo a administração do quadro de pessoal pertencente à SUDECO, dos hospitais de Aragarças e Xavantina e do posto de saúde de Vale dos Sonhos (atualmente fechado). Fazem parte também de seu patrimônio o prédio onde funciona o Campus Avançado, uma serraria, uma olaria e algumas casas residenciais, tudo isso integrante, antigamente, do acervo da Fundação Brasil Central.

No momento, um dos trabalhos mais importantes desenvolvidos pelo Consórcio é a construção do Centro de Capacitação de Recursos Humanos, que funciona como escola para formação e reciclagem de mão-de-obra para toda a microrregião.

O projeto do Centro foi elaborado em 1973, por uma equipe de estudantes de Arquitetura da UnB, tendo sido posteriormente vendido à SUDECO.

Humberto de Campos explica que a intenção é desenvolver um tipo de ensino não-tradicional (fora dos moldes do SENAC, SENAI etc.) e que esteja bem adaptado às necessidades regionais.

Numa segunda etapa, segundo Humberto, a ideia é criar condições para contratar uma equipe de técnicos que possa levantar problemas, planejar e dar diretrizes sociais ao desenvolvimento. Barra do Garças, por exemplo, é um município muito rico e que cresce sem qualquer planejamento. Isso traz reflexos negativos e bastante sérios para a cidade.

Para o diretor do Consórcio dos Municípios, a experiência de um trabalho conjunto com o

Campus Avançado seria muito rica e vantajosa para todos:

— Atualmente, não temos condições de montar uma equipe de técnicos e se contarmos com o auxílio dos universitários poderemos até transformar o Centro num órgão de pesquisa. Por outro lado, o Consórcio, que pretende ser planejador e executor, terá condições de orientar os trabalhos do Campus, com objetividade e eficiência.

Como aluno da UnB, Humberto de Campos participou e acompanhou durante muito tempo as atividades desenvolvidas pelo Campus Avançado, que, no seu entender, é bastante desacreditado na região:

— Chega uma equipe, satura a população de questionários e perguntas, sem qualquer objetividade. Depois, vai embora e a comunidade não recebe nada em troca. Outras vezes, o pessoal se compromete a tomar uma série de providências — como, por exemplo, o caso de um grupo da Engenharia, que, no ano passado, prometeu dotar Aragarças de luz elétrica — mas essas promessas acabam se tornando impraticáveis.

De acordo com seu diretor, o objetivo do Consórcio é reintroduzir um programa de saúde na área, através do Campus Avançado, mas isso só poderá ser feito após uma definição clara e com uma estruturação perfeita do trabalho que se espera que a Universidade venha a desenvolver.

— Eu nunca acreditei antes — nota Humberto — mas, agora, pela primeira vez, começo a achar que podemos fazer alguma coisa séria junto ao Campus. Tenho conversado muito a esse respeito. O que acontecia até há pouco tempo era o deslocamento do pessoal da Universidade e, em seguida, permanecer em Aragarças sem contar com qualquer órgão assessor, que pudesse oferecer-lhe subsídios indispensáveis para o conhecimento da região. O que o Consórcio poderá fazer é ajudar o Campus, para aproveitar experiências acumuladas.

Em Brasília, um órgão colegiado, denominado Grupo de Tarefa Universitário — GTU, é responsável pelo planejamento e coordenação de todas as atividades do Campus Avançado.

De acordo com o regulamento do Campus, o GTU deve ser integrado por um coordenador (que é também o responsável pelo próprio Campus), um coordenador-adjunto, assessores representativos das diferentes unidades universitárias (todos indicados pela Reitoria), além de um representante do MEC e de um representante do Projeto Rondon, indicados pelos respectivos Ministérios.

No início de 1974, a professora Rosa Maria Albanesi, do Departamento de Psicologia, assumiu as funções de Coordenadora do GTU, cargo que deixou nos primeiros meses deste ano.

Da mesma forma que Jorge Barros, Rosa Maria acha necessário um maior interesse e também mais motivação por parte dos alunos e professores, para que os trabalhos realizados no Campus possam apresentar resultados mais satisfatórios.

E bem provável que uma das causas desse desinteresse seja a inexistência, quase que absoluta, de uma divulgação sistemática das atividades do Campus. Com exceção da publicação trimestral — uma página na Listagem de Disciplinas Oferecidas — das vantagens proporcionadas pela Universidade aos alunos que atuam no Campus Avançado, como abono de faltas e recuperação didática relativas ao período de ausência, prioridade para obtenção de bolsas, inexistência de despesas com transportes, hospedagem, alimentação, assistência médica, lavagem de roupas etc., nada mais se sabe a respeito.

Segundo a professora Rosa Maria, dos 11 membros que compõem o GTU, apenas pouco mais da metade colabora efetivamente:

— A maioria das pessoas que convidei para integrarem o GTU foram, aos poucos, assumindo posições destacadas na UnB e no momento — disse a professora em meados de 1975 — quase todas se encontram sobrecarregadas de trabalho e com reduzido tempo para oferecer ao Campus Avançado.

O que pensam alguns professores

O professor Frederico Simões Barbosa, Diretor da Faculdade de Ciências da Saúde, afirma que há bastante interesse em se reabrir o internato rural em Aragarças, mas aponta as dificuldades existentes:

— Temos o maior interesse na área. Queremos criar na região um Programa Integrado de Saúde Comunitária (nos moldes do que já está sendo desenvolvido em Planaltina), e não realizar um trabalho assistencial (que é o que se faz agora). Temos muitos planos, discussões constantes na Congregação de Carreira, no Conselho Departamental. O problema é conseguir um professor-coordenador que queira residir na região.

“A metodologia de ação”, continua o professor Simões Barbosa, já temos assentada e funcionando satisfatoriamente em Planaltina. Os alunos, por sua vez, estão interessadíssimos e muito motivados. Não temos os professores... Se já é difícil contratar médicos em tempo integral para Brasília, quanto mais um professor para Aragarças.”

Em 1974, alunos do Departamento de Geociências realizaram um extenso trabalho de mapeamento geológico de algumas áreas do Campus Avançado. O estudo fazia parte de um programa curricular de treinamento para os formandos em Geologia daquele ano (o currículo oferece duas disciplinas optativas — Geologia de Campo e Relatório de Graduação — cursadas por cerca de 80% dos formandos).

Depois disso, não foi desenvolvida mais nenhuma atividade na região. O professor Aripilino Nilson, coordenador da equipe que esteve no Campus em 74, dá as razões:

— Somente para uma etapa de maior detalhamento do trabalho que já fizemos, é que haveria interesse em se voltar a Aragarças. E isso só seria possível com transporte aéreo, porque não poderíamos passar mais de 3 ou 4 dias por lá. Existem 3 disciplinas (Geologia Estrutural, Estratigrafia e Sedimentologia) em que os alunos também realizam trabalhos de campo. Mas, por razões de ordem prática, preferimos atuar aqui por

perto. Em Aragarças, só se houvesse um esquema de deslocamento mais rápido.

Durante todo o ano de 1973, equipes do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (alunos que cursavam a disciplina Projeto de Edificações e Urbanismo) participaram ativamente de trabalhos no Campus Avançado.

Por 2 semestres consecutivos, os alunos tentaram identificar problemas de Barra do Garças e Aragarças (organização da Cidade, circulação viária, deficiência de certos equipamentos de saúde, educação, lazer, etc.) e fizeram uma série de projetos de remanejamento urbano em função desses problemas.

Na realidade, a grande maioria desta série de projetos não teve utilização prática. Um ex-aluno, agora já arquiteto, e que trabalhou durante muito tempo na região, diz que o “pessoal acabava se frustrando ao ver seus projetos (quando excepcionalmente eram aproveitados) deturpados ou alterados para atender interesses imediatistas dos prefeitos e outros manda-chuvas”.

O professor Frederico de Holanda, ex-Chefe do Departamento, explica porque não se atua mais naquela área:

— Os alunos não podem se afastar por muito tempo de Brasília, quer por compromissos de trabalho, quer pelas outras disciplinas que têm que cumprir. O pessoal não pode e nem quer ficar perdendo aulas. Talvez tivéssemos que montar um currículo mais flexível, com disciplinas em “Bloco”, que permitisse o aluno se afastar por mais tempo.

Informado de que alunos de Arquitetura estiveram trabalhando no Campus no primeiro semestre de 1975, o professor Holanda comentou:

— É??? Eu não estou nem sabendo disso. Essa turma que foi para lá não teve nenhuma vinculação com atividades didáticas.

Hoje poucos alunos sabem do Campus Avançado. A gente mesmo, em virtude das próprias dificuldades, desistiu de falar sobre o assunto.



O que pensam alguns estudantes

Luiz Sérgio Zerbini, 6º semestre de Física: “O Campus Avançado da UnB, eu acho que fica em Aragarças, e a idéia que eu tenho é que seja apenas um aglomerado de árvores, indios e outras coisas. Na Física, não foi falado nada a respeito dele até hoje. Sei que há atividades da Medicina ou outro Departamento, não sei bem. Talvez isso seja uma deficiência minha...”

William Gonçalves Sobrinho, 8º semestre de Economia: “Ouví falar sobre o Campus Avançado, um pouquinho, no curso de Estudos Brasileiros, mas para falar a verdade eu não sei de nada não. Acho que o Campus deve ficar lá pros sertões de Mato Grosso. Certo?”

Jahy França de Almeida Filho, 6º semestre de Engenharia Civil: “Sobre o Campus Avançado eu não sei praticamente nada. Já ouvi falar que tem um no Alto-Araguaia, né? e que o pessoal da Geologia faz uma espécie de estágio lá. Só isso que estou sabendo. De Engenharia Civil não conheço ninguém que tenha ido”.

Celso Couto Cavalcanti, 6º semestre de Direito: “Acho que a UnB tem um Campus Avançado em no norte de Goiás, não? Não sei bem o nome da cidade, mas acredito que seja no norte de Goiás. Conheço um cara de Medicina que foi lá, mas de Direito, que eu saiba, ninguém”.

Lourinaldo Bezerra Nóbrega, 8º semestre de Engenharia Elétrica: “Acho que o Campus Avançado deve encarar os problemas da comunidade, procurar dar soluções nossas, brasileiras e que sejam definitivas. A informação que tenho do Campus, obtive

através de papos com colegas e do curso de Estudos Brasileiros. Não conheço ninguém que tenha ido lá. A participação da Elétrica é muito restrita”.

Gustavo Sérgio Lins Ribeiro, 8º semestre de Sociologia: “Não sei muita coisa sobre o Campus Avançado, não. Tenho a impressão que as pessoas vão lá mais pra tocar violão e tomar cachaça do que fazer algum trabalho. Mas acho que é uma saída para a Universidade, caso os alunos possam exercer sua criatividade sem muitas barreiras. Da Sociologia, não conheço ninguém que tenha ido”.

José Carlos da Silva Freire, 5º semestre de Matemática: “Só ouvi o pessoal da Medicina falar de Campus Avançado”.

Tânia (também sem sobrenome), 1º semestre de Comunicação, morava em Barra do Garças e estudava em Aragarças. Veio, com mais 5, prestar o vestibular, mas só ela passou (diz que volta para Barra quando se formar, porque “lá não tem nada, nem jornal, nem rádio e há muito para se fazer”). Aqui vão suas impressões sobre o Campus Avançado: “Na região muito pouca gente sabe o que é Campus. Quem conhece realmente são os estudantes de lá, que acham bonito, conhecem gente de fora, tal e coisa. O trabalho que o Campus realiza eu acho válido só para o pessoal daqui. Pro pessoal de lá, muito pouco, porque as coisas não são feitas de forma continuada, sistematizada. Pra mim o negócio está muito bagunçado, mas a bagunça não nasce lá não, vem de outro lugar”.

O que é um Campus Avançado

O Programa Campus Avançado é uma entre as várias formas de atuação do Projeto Rondon como por exemplo, Operação Nacional, Operação Especial, Interiorização e Fixação de Mão-de-Obra, etc.

Os Campi Avançados são, segundo definição do Projeto Rondon, "uma extensão e tentativa de interiorização da Universidade e caracteriza-se pela presença permanente de estudantes, técnicos recém-formados e professores, em áreas consideradas carentes e prioritárias dentro da política de desenvolvimento do Governo".

Cada Campus é dirigido por uma Universidade, ou por um grupo de Escolas Superiores, e para o trabalho, em geral, procura-se contar com a participação da comunidade e dos órgãos municipais, estaduais e federais que atuam na região.

Enquanto o Ministério do Interior, ao qual se vincula o Projeto Rondon, cuida da estrutura física e do apoio orçamentário, a Universidade responsabiliza-se pelo fornecimento dos recursos humanos e pela execução de atividades que visem ao desenvolvimento da microrregião onde se localiza a sede do Campus Avançado.

Através de um Grupo de Tarefa Universitário — GTU — a Universidade deve planejar, coordenar e controlar todas as atividades do Campus, encarregando-se também de adequar sua programação global à política nacional de desenvolvimento.

Atualmente existem 22 Campi Avançados em funcionamento. O primeiro surgiu em 1969 e foi instalado em Boa Vista, no Território de Roraima; o último em Limoeiro do Norte, Ceará. Embora a intenção do Projeto Rondon seja a de reforçar e dinamizar a atuação dos Campi já existentes, sem programar a implantação de novos, ainda este ano deverá ser instalado mais um — em Araguaína (GO) — sob a responsabilidade das Universidades Federal Católica, Rural e Fundação do Ensino Superior de Pernambuco (as primeiras instituições de Ensino Superior da região Norte/Nordeste a se engajarem neste Programa).

O Campus Avançado da UnB (oficialmente denominado "Campus Avançado do Médio-Araguaia") foi fundado em meados de 1969, sendo o único a atuar dentro da mesma região geoe educacional da Universidade a que se vincula (quatro municípios em Goiás — Aragarças, Balisa, Bom Jardim e Montes Claros — e três em Mato Grosso — Barra do Garças, General Carneiro e Torixoréu).

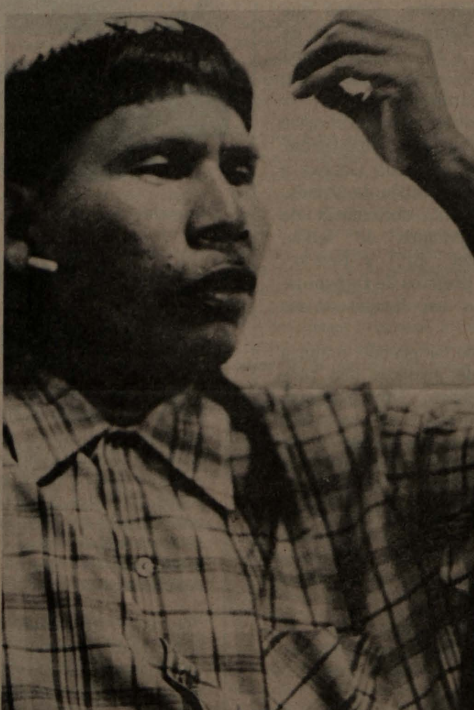
A política do Projeto Rondon é levar cada equipe universitária a conhecer e desenvolver atividades em regiões distantes e com problemática diversa da sua. Essa posição é motivo de controvérsias, pois, na opinião de alguns, a Universidade deve estar voltada para o meio ambiente onde ela tem a sua sede.

Para fortalecer a ação do Rondon e dar-lhe maior autonomia, o antigo projeto foi transformado, em dezembro do ano passado, em "Fundação, com patrimônio próprio e personalidade jurídica de direito privado", vinculada ao Ministério do Interior e que deverá desenvolver suas atividades em cooperação com o Ministério da Educação e Cultura.

O Governo tem em mente com essa providência, obter uma maior integração eliminando as áreas de atrito entre as diretrizes do Ministério do Interior e a política de extensão universitária do MEC.



Os indígenas da região do Campus Avançado vivem em suas reservas, sob a supervisão da FUNAI. Evidentemente, essa população nativa também é beneficiada pelos serviços que o CA desenvolve, incluindo a assistência médica.



Um Hospital Abandonado: O Início de Tudo e uma Crise

Em 15 de novembro de 1968, o Chefe do outrora Departamento de Medicina Coletiva da UnB, professor Oswaldo Martins Reis, e mais quatro estudantes entraram numa camioneta equipada com correntes nas quatro rodas e partiram para Aragarças, dispostos a enfrentar qualquer tipo de imprevisto.

Fazia pouco tempo que a BR-70 fora terminada e não estava ainda oficialmente aberta para o tráfego. Debaixo de chuvas torrenciais e com um trator pela frente, limpando o caminho, o grupo conseguiu chegar a seu destino.

Essa foi a viagem pioneira, que não teria sido autêntica sem o toque de aventura.

O objetivo da ida a Aragarças era verificar a viabilidade de reabertura de um antigo hospital que, fazia bastante tempo, se encontrava totalmente abandonado.

Como houvesse, então, interesse e concordância por parte da SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste), proprietária do prédio, o Departamento de Medicina decidiu fornecer os recursos humanos para a administração e funcionamento do hospital.

A partir daí, equipes de estudantes e docentes, sob a supervisão do professor Reis, passaram a visitar sistematicamente o local em feriados, fins-de-semana e período de férias.

Terminaram por implantar, em toda a microrregião, um Sistema Integrado de Saúde que, por longo período, prestou serviços às comunidades. Embora sediadas em Aragarças, as equipes médicas deslocavam-se constantemente, procurando atender às populações vizinhas.

Em 1970, o hospital, já funcionando sob o regime de internato rural, chegou a ser considerado como o local onde se desenvolvia a melhor medicina prática do País.

Foram esses trabalhos pioneiros na área de Saúde que constituíram a base para a instalação, em abril de 1969, do Campus Avançado da UnB, através de convênio firmado com o Projeto Rondon. A partir de 1970, as demais áreas da Universidade foram motivadas a participar, e, gradativamente, começaram a surgir trabalhos interdisciplinares.

Naquela ocasião, nada fazia prever a eclosão de uma crise, cujo desfecho se deu em julho de 1973: por falta de condições mínimas de trabalho e alimentação, já não havia nenhum professor ou aluno de Medicina disposto a continuar atuando na região.

O hospital foi então devolvido à SUDECO, que por uma série de razões de ordem política, deixara de fornecer as verbas necessárias ao seu funcionamento.

Por sua vez, a própria Universidade também mostrava-se desinteressada pelos destinos do seu internato, e, assumindo uma posição muito cômoda, na opinião de alguns, já não mais cumpria satisfatoriamente com suas funções de assessoria técnica.

E pelo fato, talvez, da maior parte das atividades do Campus estarem então mais diretamente ligadas à área da Medicina, o fechamento do internato levou à paralisação completa de todas as outras atividades do Campus até fins de 1974.

EM DEBATE:

Estrutura do Ensino de Comunicação

BACHAREL

A Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação (ABEPEC) entregará até junho o anteprojeto do novo currículo de ensino ao Conselho Federal de Educação. Para isso, um grupo de trabalho contará com diversos representantes de áreas.

O motivo que levou a ABEPEC a voltar o seu encontro anual de professores ao problema do ensino de Comunicação, foi uma notificação dirigida aos interessados, por parte do CFE. Isto motivou os representantes da associação a realizar o último seminário, em outubro, dentro desse objetivo, para um exame dos problemas pedagógicos e a sua adequação à realidade profissional e cultural do País, já que, atualmente, o currículo mínimo está ultrapassado em relação ao desenvolvimento tecnológico brasileiro.

A organização do seminário contava com duas fases: a primeira composta de exposições de trabalhos que enfocavam o problema existentes no atual sistema de Comunicação, refletindo diretamente os objetivos do Governo e a sua política educacional.

Pretendendo que o ensino superior seja visto como parte de uma estratégia global de desenvolvimento, que por sua vez está ligado ao conceito-chave de segurança nacional, em que o Governo procura transformar o ensino em instrumento para desenvolvimento, concede-se prioridade à tecnologia como forma de atingir mais rapidamente tais objetivos.

PEDAGOGIA

Um dos pontos mais frágeis dentro do ensino de Comunicação é o problema da Pedagogia, com o ensino se voltando para o tradicional ensino de Jornalismo, em que as outras áreas seriam uma simples extensão dessa área, esquecendo que essas áreas têm funções diferentes, portanto com técnicas diferentes, e o que se pode perceber nas universidades atualmente é que o ensino está totalmente composto por disciplinas voltadas para o Jornalismo.

Outros dos problemas que as universidades enfrentam atualmente é a dependência do País, em que as tecnologias importadas são sofisticadíssimas e mudam constantemente. Os profissionais graduados para a operacionalização dessas técnicas, em pouco tempo se encontram ultrapassados e não podem se preocupar com problemas científicos e políticos. Em outras palavras, é necessário utilizar ciência e técnica para transformações tecnológicas e culturais, em que o comunicador não estaria sendo um simples manipulador das teorias e técnicas decorrentes dessa dependência econômica dos países desenvolvidos.

Os conceitos apresentados pelos professores no seminário se contraponem dentro da ética profissional, já que dizer que os alunos futuros manipuladores de comunicação do País deveriam ser formados para atingir diretamente o mercado ou, ser simplesmente cientistas, seria contribuir para desprepará-los para o desenvolvimento social, político, cultural e tecnológico do País.

Para a modificação de currículo, não se deve esquecer as condições financeiras, no que diz respeito ao instrumental necessário nos laboratórios, setor bastante precário nas universidades, não oferecendo possibilidades de formar profissionais capazes de desenvolver-se, seja tecnicamente ou culturalmente para atingir o mercado de trabalho. Também influem as distorções dos conceitos de Comunicação e o despreparo do corpo docente das universidades, dificultando muito uma transformação direta das escolas de Comunicação.

Finalmente, pode-se dizer que o Seminário da ABEPEC, apresentado por especialistas em Comunicação Social, esqueceu o elemento mais importante, isto é, os alunos que fazem os cursos de Comunicação. Esses alunos atualmente são utilizados como mão-de-obra barata, em estágios curriculares, por não obter nos centros de estudos a capacitação necessária para se desenvolverem futuramente como comunicadores do País. Esta é pelo menos a grande queixa de alguns alunos.

Segundo professores de Comunicação da UnB, o seminário da ABEPEC foi uma reflexão sobre os currículos de Comunicação, que serviu — nota o professor Francisco Pontes — para juntar pessoas

Em consequência, os cursos de Comunicação passaram a ter importância na medida que atinjam, no ensino, o desenvolvimento tecnológico dos meios de Comunicação.

A segunda fase do seminário decorreu paralelamente às exposições, formadas por discussões distribuídas em grupos isolados, na tentativa de abranger as situações de cada área, focalizando os problemas pedagógicos, profissionalizantes e de pesquisa, que formavam, de acordo com a estrutura do seminário, temas integrados em todas as áreas. Na primeira fase do encontro não se sentiu a participação dos presentes, o que ocorreu na segunda fase, em que as discussões foram mais intensas. De uma forma ou de outra, os resultados, tanto das palestras quanto das discussões, foram desanimadores, pelo menos a julgar pela opinião média dos participantes.

Já que grande parte do tempo foi consumido por discussões que variavam desde os conceitos de Comunicação até os modelos pedagógicos que as escolas deveriam adotar, podia-se notar no seminário que as universidades constituem meros retransmissores de conhecimento ou centros de aprendizagem da manipulação de teorias e técnicas importadas, ou seja: as universidades baseiam-se em modelos estrangeiros de ensino que nem sempre são adequados para o desenvolvimento e funcionamento dos meios de Comunicação brasileiros.

que estão trabalhando, estudando, enfrentando ou causando os problemas de ensino de Comunicação, isto é, reunir professores e estudantes de todo o País.

Disse ainda Francisco Pontes que o público era determinado, o assunto era determinado, como também era objetivo propor idéias que orientem uma nova organização para os currículos das escolas de Comunicação.

O local, a época e tempo de duração colaboraram para a discussão dos temas. O ponto falho do seminário talvez tenha sido a organização, que talvez não tivesse sido a mais indicada, pois favoreceu demasiadamente as exposições e assim dificultando os debates. Apesar disso, as pessoas presentes realizaram um bom trabalho, surgindo muitas idéias. Essas idéias contudo não foram capazes de apresentar uma proposta mais objetiva no sentido de formulação de currículo; muitas coisas que vinham sendo pensadas tomaram forma, como também surgiram novas idéias. Por exemplo, a unidade existente entre os cursos polivalentes, onde o ensino estaria sendo atrasado, consequentemente o profissional assim formado encontraria sempre a tecnologia mais avançada, mais ainda, existem os manuais de instrução em que não se justifica os cursos para divulgação desses manuais que são feitos para todo mundo entender.

Finalmente ele diz que é bom relembrar a analogia dos médicos, ou seja, os médicos estudam os problemas de saúde e os recursos que os combatem, isto é, as formas de surgimento, desenvolvimento e desaparecimento desses problemas, havendo uma crescente opinião para entender o comunicador como um profissional semelhante ao médico, só que trabalha na área dos problemas de Comunicação. Mas isso deixa desolados alguns poucos e resistentes donos da facilidade verbal e editorial, pois sentem-se de repente ameaçados de ter novamente que pensar e se ainda saberiam resolver os problemas de Comunicação.

O professor Antônio Fausto Filho Neto diz que qualquer iniciativa com comunicação exige uma prática de comunicação, ou seja, ele tem que ser uma integração de pessoas do mesmo nível, inseridas no mesmo espaço, em que deveria ter uma troca de experiências. O que o seminário mostrou foi a reprodução de uma curta prática de comunicação: falam, muitos ouvem, muitos são chamados a entender o que poucos desejam que eles entendam. O seminário teve nove horas faladas e duas de discussão, sendo um plenário de transmissão de informações, que é contrário à transmissão de experiências na medida em que estas são teses apresentadas para refletir conteúdos e outras experiências que deviam ser anexadas às exposições.

Sentiu-se isto na medida que a sala se esvaziava e as pessoas não tinham oportunidade de falar, isto é, não tinham oportunidade de expressar suas opiniões sobre os temas que eram apresentados no seminário. O que salvou o seminário foram as poucas reuniões dos subgrupos, onde realmente surgiram decisões e opiniões, no que diz respeito a alguns problemas de Comunicação.

O que vimos no seminário, por tanto, foi um reflexo da atividade parcelada das instituições, cada uma com seus fins, éticas e códigos, fatores que nos levaram a atomizar os problemas e a reduzir outros a um tipo de discussão que se faz no Brasil desde que surgiram os cursos de Comunicação.

Finalmente, ele diz que as escolas têm que se sobrepor às exigências do País em relação à Comunicação, isto é, refletir sobre Comunicação no futuro próximo.

O seminário da ABEPEC apresentou um caráter especial porque acabou-se convertendo em uma oportunidade de reflexo sobre os currículos de Comunicação, foram as palavras com que o professor Ubirajara, da UnB, avaliou o encontro.

A organização do seminário, que era um ponto importante para a diretoria de Brasília, teve falhas quanto a sua estrutura, isto porque o seminário foi feito com a colaboração de São Paulo, ficando difícil para a diretoria ter um domínio prévio da organização do seminário, só sendo possível durante os encontros corrigir, algumas falhas, estas apresentadas no seminário, na distribuição dos grupos e no cronograma das discussões.

Essas falhas parecem ter origem no que o responsável por esta parte no seminário entende por Comunicação, o ensino de Comunicação. Refiro-me especialmente ao professor José Marques de Melo, da comissão de currículo, cuja visão do que seja Comunicação difere bastante da grande maioria dos professores e interessados em Comunicação, presentes no seminário.

Começando a falar agora sobre os momentos positivos do seminário, parece que poderíamos começar exatamente por estes pontos, isto é, ficou claro para as pessoas presentes que os conceitos longos e frágeis do prof. Marques de Melo sobre ensino não facilitam a compreensão dos problemas da área. Surpreendentemente constatou-se no seminário que o uni-

co defensor da inclusão de cursos tais como: Tradutores e Interpretes, Biblioteconomia e Documentação, dentro da área de Comunicação Social, era o próprio prof. Marques de Melo. Um dos bons momentos que o seminário teve foi quando o prof. Briquet de Lemos, da UnB e membro da Associação das Escolas de Biblioteconomia colocou em confronto a aproximação entre estas áreas e a Comunicação, tendo em vistas as especialidades de cada grupo.

Outro destaque que gostaria de fazer baseia-se na nossa experiência de ensino aqui na UnB, que através de longas discussões no Departamento de Comunicação nos levaram à certeza de que os cursos de Comunicação Social só são necessários na medida em que tiverem comprometidos com a tentativa de solução de problemas de Comunicação do País. Se desejamos uma Comunicação voltada para a cultura nacional e da discussão de problemas de desenvolvimento, é preciso que os cursos de Comunicação sirvam a estas propostas, isto é, preparar profissionais capazes de produzir idéias que tenham fim último a tentativa de solução de problemas de Comunicação.

Uma universidade colocada nestes termos, isto é, comprometida para ser uma necessidade, não é sentida em outros centros, especialmente os centros de São Paulo, onde os cursos adotam uma postura neutra, desinteressada, individualista, diante dos problemas de Comunicação; em síntese, um País pobre não pode se dar ao luxo de imitar países desenvolvidos.

O seminário de Águas de São Pedro ficou indiferente diante dos problemas concretos, o que se podia ver claramente, uma vez que não havia pela organização adotada um convite claro para discussões de tais problemas.

Outro ponto positivo que poderíamos alinhar, foi a boa representatividade em termos nacionais do público presente, o quadro do ensino superior fornecido pelo diretor do DAU — Edson Machado de Souza, e a oportunidade que o Conselho Federal de Educação Padre Bittencourt concedeu aos participantes de debaterem o relatório da reforma do currículo mínimo de Comunicação.

Finalmente o prof. Ubirajara diz que apesar das falhas do seminário as idéias importantes acabaram circulando, mesmo um pouco ordenadas.

PÓS-GRADUAÇÃO

“O principal problema do curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília é a dificuldade em reunir pessoal docente classificado para tal nível”, declara o professor Vêncio de Lima, chefe do Departamento de Comunicação da UnB. Segundo ele, trata-se de um ciclo vicioso, uma vez que as normas do Conselho Federal de Educação exigem que a qualificação dos professores seja doutoral ou equivalente e, na área de Comunicação, não existe tradição acadêmica. Os poucos cursos de Pós-Graduação em Comunicação que existem atualmente no Brasil foram recentemente implantados, e mesmo no estrangeiro eles tiveram início há não muito tempo para que se possa falar em tradição. Os poucos professores qualificados que existem não pretendem abandonar seus países a fim de ministrarem cursos fora. E assim, os dirigentes do curso da UnB necessitam lançar mão de alguns professores latino-americanos connotados, o que é mais difícil, ou visitantes. Um exemplo disso é o professor Antônio Pasquali, professor de Filosofia e Sociologia da Universidade de Caracas, na Venezuela, que vem proferindo palestras aos 16 alunos de pós-graduação existente no Departamento. Para março do próximo ano já foi contratado o professor John Felt, que virá como bolsista da “Fulbright-Hays”. Outros professores estão sendo solicitados pelo departamento, como é o caso do argentino Juan Brawn, que ainda não confirmou sua presença para 1975.

“O problema tornou-se ainda mais grave, diz Vêncio, com a saída do professor Guilherme Alves Merquior, doutor em Letras, do Departamento. Ele era o único, e de lá para cá o Departamento já entrou em contacto com mais de 40 professores não tendo obtido muito êxito.”

Outros problemas citados pelo professor Vêncio, que faz questão de frisar que sua opinião a respeito não retrata o Departamento, são a falta de tradição de pesquisa, onde todo o material existente é importado, e a falta de apoio para os cursos de pós-graduação. Ele diz que este último problema não é específico da Comunicação, mas sim de muitos outros cursos a nível de pós-graduação inclusive uma das propostas de trabalho incluídas neste documento é que devam ser programados convênios e intercâmbio com instituições estrangeiras no caso de

impossibilidade de atendimento de âmbito nacional. E é justamente o que o Departamento de Comunicação da UnB vem fazendo, isto é, vem tentando convênios com outros países para que aconteça a vinda de professores, apoio financeiro, etc. A tentativa atual é com uma agência canadense, chamada CIDA. Outros convênios foram tentados, como aquele com a MUCIA, Universidade de Midwest, nos EUA, tendo este último fracassado evidentemente.

“Mas a solução ideal para o curso seria a longo prazo, isto é, a qualificação do próprio pessoal do departamento, estimulando os atuais alunos a fazerem cursos de mestrado e doutorado”, diz ainda Vêncio. Os resultados do atual curso de pós-graduação do departamento serão notados no início de 1975, quando o primeiro grupo de alunos vai começar a trabalhar na elaboração de teses.

ANTECEDENTES

A primeira idéia de se criar um curso a nível de Pós-Graduação em Comunicação na UnB surgiu em fins de 1971 e início de 72, quando o professor Marco Antônio, atual decano de ensino de Pós-Graduação, era ainda chefe daquele departamento. Essa tentativa tinha um projeto baseado em cursos semelhantes existentes na América Latina. Era quase que um curso de Extensão Rural voltado especificamente para o desenvolvimento das áreas rurais, ou seja, difusão de tecnologia no campo. Experiências anteriores por exemplo já tinham sido feitas no México, Chapingo, e em La Molina, numa Universidade rural perto de Lima, sendo que a última fracassou. No Brasil, os cursos existentes são o de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e de Piracicaba, em São Paulo, e de Viçosa em Minas Gerais. O projeto criado sofreu então uma série de modificações, tornando a idéia mais ampla e abrangente. A partir de então foi criado um curso onde se estudasse o papel da Comunicação nos processos de mudança social em geral (educação, saúde, problemas urbanos, culturais, técnicos). “O curso atual visa habilitar profissionais capazes de identificar, executar e planejar situações de mudança social onde a Comunicação seja importante. Isto significa desde programas e tele-educação até programas de difusão de tecnologia agrícola”.



João Antonio

**A Reportagem Não Morreu,
E O Conto-Reportagem Não É Moleza,
Não.
Futebol Não É Relatório, Tem
Que Mostrar O Círculo.**

O escritor-jornalista João Antonio,
autor de **Malagueta, Perus e Bacanaço**
(publicado em 64, relançado em 74 e atualmente na 4ª edição)
Leão de Chácara

(o conto que dá nome ao livro venceu o concurso de contos do Paraná, em 74)
e **Malhação do Judas Carioca**.

O editor-jornalista João Antonio,
responsável pela edição do **Livro de Cabeceira do Homem**
os bons e os maus flagrantes da realidade.

O repórter-escritor João Antonio,
da primeira equipe que fez a revista **Realidade**, em 67/68,
e da equipe que fez o jornal-fevista **Ex**, em 75.

E o escriba João Antonio,
filho intelectual de Lima Barreto e Norman Mailer,
teórico da imprensa nanica luso-afro-tupiniquim.

A coisa foi toda improvisada, assim de repente, na última hora. Não deu tempo nem de colocar cartaz avisando, a notícia correu foi de boca em boca. Mesmo assim, quase 100 pessoas, entre alunos e professores da Comunicação e outros Departamentos lotaram a Sala da Representação numa quinta-feira, 22 de abril, para ouvir, perguntar e debater com João Antônio.

O papo se estendeu das 9 às 11 e meia, embora ele nos dissesse antes que às 10 horas teria que estar na Escola Parque, participando do X Encontro Nacional de Escritores. Nessas duas horas e meia, João Antônio falou sobre praticamente tudo que está relacionado com a literatura e o jornalismo — para ele, essas duas coisas são uma coisa só. E no final ainda faturou 430 cruzeiros, vendendo 4 **Livro de Cabeceira**, 4 **Malhação do Judas**, 3 **Leão de Chácara** e 3 **Malagueta**.

Nessa quinta-feira eu levantei um pouco mais cedo. A Rosário e a Zelma tinham combinado de passar lá em casa às 7 e meia, para que a gente fosse apanhar o João Antônio. Elas tinham acertado tudo na véspera, e ele estaria esperando a gente às 8 horas, no Hotel Nacional. Enquanto isso, a Mira, o Davi, o Getúlio, a Sueli, o Riba e os outros espalhavam a notícia na UnB, de sala em sala.

No Hotel Nacional, ligamos para o apartamento 517, mas a telefonista disse que o fone estava fora do gancho. O jeito foi subir até lá. Tocamos a campainha umas 4 vezes, até que ele atendeu. Sem camisa, com uma cara de sono e resaca, João Antônio perguntou: mas já são 8 horas? Eram 8 e 15.

No restaurante do Hotel, enquanto tomava uma xícara de café com leite e comia um pedaço de mamão, João Antônio falava sobre o **Livro de Cabeceira do Homem** (publicação bimensal da Editora Civilização Brasileira, em nova fase, sob a sua direção, que já atingiu o 3º número).

Para João, o **Livro de Cabeceira** é a revista de cultura que ele gostaria de fazer. Não faz porque não passaria pela censura. Como o livro é mais caro e atinge menos gente, a censura sobre os livros é menor, segundo ele. Então João Antônio **Livro de Cabeceira** (páginas, 30 cruzeiros), que há uns 10 anos atrás era coordenado pelo Paulo Francis. Nessa nova fase, a jogada é menos erudita, e João Antônio exercita ali o jornalismo (jornalivo?), ou o parajornalismo.

Parajornalismo, o que é isso? Seria a reportagem com calor humano, com muito mais informação que os simples números e fatos objetivos. O parajornalismo explode com a prisão do lead, com a linguagem fria e seca padronizada pelas agências de notícias. E vai além. Descreve o ambiente onde o fato acontece, descreve as pessoas envolvidas, o que elas fazem ou dizem, e como fazem, o tom de voz, os gestos, etc. Procura transmitir a vibração, os níveis emocional e psicológico, além dos dados objetivos, sociológicos e econômicos, que são fundamentais.

No carro, durante o percurso até à UnB, João Antônio continuou expondo suas idéias. E a gente só escutando.

Falou sobre a revolução cultural que estaria em processo, no Brasil. Cultura, no sentido antropológico, incluindo a comida, a roupa, a linguagem, tudo. Dentro do carro, João disse para a gente, bem claro: uma revolução política, com a população brasileira do jeito que tá, não vai resolver nada. Vai redundar numa ditadura estalinista, com a mesma repressão política, cultural e moral, e com o mesmo autoritarismo da atual ditadura de direita. E a gente só escutando.

Para João Antônio, essa revolução cultural já estaria em processo, com o teatro, o cinema, a nova literatura e a música popular. E com a imprensa nanica bagunçando o coreto, descrevendo a cena brasileira, a cultura popular, a contracultura.

João Antônio considera o povo brasileiro “maravilhosamente burro”, ainda bem, e isso não está deixando que a nossa cultura venha a ser destruída pela cultura importada. Tomando o café, lá no Hotel Nacional, perguntamos a ele sobre a tese de Oswald de Andrade, a antropofagia cultural. E João tá com Oswald. Para ele, a nossa cultura popular é suficientemente forte para incorporar, criativamente, a invasão cultural. Do mesmo modo como os primeiros brasileiros devoraram os jesuítas portugueses, nossos primeiros catequisadores.

Essa antropofagia, para João Antônio, é o crioulo da favela que pega a latinha de Skol, escrito **international beer**, enche de pedrinhas e faz um chochalo para batucar um samba lá no morro. Essa é a contracultura brasileira, que não morre nunca, porque é forte que nem jabuti.

(...) Mesmo porque, eu acho que... a reportagem, tradicional... ela atravessa no momento uma crise, tão séria, que já se fala até que a reportagem morreu. Uma das minhas brigas pela imprensa nanica, tem sido essa, contra, ah... essa... essa faixa de... de, comunicólogos, que chegam até a fazer simpósios, e cujo tema pode ser até esse: a reportagem morreu. Eu acho que a reportagem não morreu, coisa nenhuma. A reportagem, ela apenas está vivendo um momento de crise, em decorrência de toda uma limitação da expressão brasileira. Em termos, inclusive, culturais e políticos. Mas ele, ela, pelo contrário, ela não só está viva, como ela pode sofrer uma série de avanços e desdobramentos, entende?. Que até então não tinha chegado a isso. Se eu tivesse esse papo com vocês, em ... 1965, prá lá de conto-reportagem, provavelmente eu seria pixado no outro dia, pela imprensa local, ou por algum jornalista, como um fazedor de onda, como um mistificador, como um charlatão. Como um sujeito que não queria fazer a reportagem tradicional por falta de capacidade de fazê-la, então ele tava criando uma onda, entende? Prá fazer a facilitação da coisa. Eu não sei se vocês ontem assistiram aquele debá... aquela exposição, aquela chamada conferência, essa é uma palavra horrível, conferência, porque conferência é outra coisa, conferência é con-ferir! aquilo foi uma exposição da professora Dirce Ridel, quando ela diz, entre outras coisas, essa... respondendo a um debatedor, é... do público, ela responde que não é nada fácil fazer o conto-reportagem. Quando ele se refere que, será que então esses autores, não... não descobrimos, afinal, uma fórmula, e muito comodamente vão trabalhar apenas essa fórmula, prá evitar um trabalho maior de elaboração? Nada disso. Eu acho que o conto-reportagem, ele vai exigir duas coisas que... que vão revolucionar a ótica do escritor. Primeiro lugar que o escritor não pode mais ficar no gabinete. Se ele ficar no gabinete ele não trabalha mais. Ele tem que sair pra rua, ele tem que ver o acontecimento acontecendo. Se ele toma essa atitude de participação na vida, na realidade, então ele já tomou uma... uma... uma atitude não burocrática, entende?, não doutoral. Quem vai determinar um tema não é ele, é a realidade. O que eu quero, realmente, é que se... o que, o que eu pretendo em último estágio, com esse negócio de conto-reportagem, e tal, é que acabe um processo de muita acomodação, para a literatura, e para o jornalismo, e para o jo... e para o parajornalismo, para o jornalismo literário.

Vou ver se eu consigo me explicar. Eu acho que hoje, não é mais importante, para o escriba, para aquele que vai... escrever, hoje não é mais importante apenas compreender aquilo que ele vai escrever. O escritor não precisa, hoje, apenas com-pre-ender aquilo que ele vai escrever. Porque isso é a obviedade. Isso é o óbvio. Ele tem que travar um verdadeiro corpo-a-corpo, com a coisa que ele vai descrever. E aí é que entra um, um aspecto novo, aí é que muda toda a ótica da coisa. Entende? Quer dizer, eu acho muito mais interessante, numa cobertura de futebol, você além de fazer... apenas o trivial, você contat que o Vasco ganhou do Flamengo, ou que o, sei lá, o Corinthians ganhou do Palmeiras, ou o Atlético do Cruzeiro, sei lá, é muito mais importante você fazer um corpo-a-corpo com toda aquela vivência, durante o jogo de futebol. Que eu acho que, se você conseguir refletir uma platéia, uma torcida, dentro de um campo de futebol, suas reações, suas brigas, suas paixões, etc, etc!, você estarão... estará dando um dado muito mais vivo, e permanente, do que simplesmente uma cobertura de jogo de futebol. Então você vai pra lá, tradicionalmente, senta-se... trabalhando tradicionalmente, senta-se numa tribuna da imprensa, pra assistir o jogo, e fica vendo quem é que faz gol, a quantos minutos um juiz apitou uma falta, sei lá o que, pá pá e de-

pois o que que você fez realmente? O que que foi que você fez, uma reportagem?, coisa nenhuma, você fez foi um relatório, de dados, e é isso que se lê aí, na imprensa... na grande imprensa, sobre uma cobertura de futebol, é um relatório de dados. Mas cadê o dado humano? Cadê o dado social? Cadê a paixão do futebol, cadê o circo? Cadê o, o, o, que o futebol significa como fuga, como expansão, como recompensa para uma série de coisas? Isso não aparece numa reportagem de, de, de... futebol, não aparece exatamente porque os caras que eram os chamados criadores!, em matéria de reportagem, não estão criando. Eles estão amarrados, de pés e mãos ou porque se deixaram amarrar, ou porque eles próprios se amarraram. Então, eu acho que não há nenhuma facilidade nesse negócio de conto-reportagem, não, entende?, inclusive eu acho que esse gênero, que se... ele apenas está engatinhando entre, entre nós... entende, ele está apenas começando, ele pode sofrer desdobramentos incríveis, tá entendendo, ah... por exemplo, passar isso pra entrevista, é... ah... mas, tudo isso poderia, estaria muito longe, uma coisa que eu queria dizer a vocês também, isso já é histó. um pouquinho de história...

Acontece que essas propriedades, a meu ver, hoje estão adormecidas no jornalismo brasileiro. Técnica... técnica, é... tecnocratizou-se o jornalismo de uma forma, que toda essa expressão só pode aparecer, assim mais viva, depois de 68, através do que eu chamei de "imprensa nanica", e acabou virando termo nacional. Exatamente porque houve uma escolha... por parte da grande Imprensa, apareceu a imprensa nanica como a, a, a, a, que mais questiona, a que mais indaga, a que é mais laboratório, a que tenta caminhar novos. Vocês vêem, por exemplo, que hoje, a grande Imprensa está chata! chata de ser consumida, por quê? Porque ela não se renova, ela não... ela não... ela não começa a incorporar, a criar uma nova linguagem, numa época em que... o áudio-vídeo vai, transformando toda a linguagem, e que... a, a, a... a Imprensa não está acompanhando essa coisa. E os experimentos são feitos, apenas, dentro desses tablóides chamados nanicos. É Pasquim, Movimento, Opinião, o Ex, principalmente o Ex, foi um jornal muito experimental, sob alguns aspectos. O Pasquim na primeira fase foi muito experimental. Então ocorre o seguinte, que a imprensa nanica tem se prestado até como laboratório, de experiências, coisa que não tá acontecendo mais dentro da grande Imprensa. Então, não tá havendo assim um acompanhar, a grande Imprensa, em cima de... dessa coisa revolucionária que é o nosso tempo. Dessa velocidade que desortoeia. A imprensa nanica também não tem acompanhado isso com grande agilidade, mas tem, acompanhado, com menos, lentidão... E, é bom... e outra coisa, eu falei de imprensa nanica, e ela me parece que, no momento, se transforma numa espécie de Tiririca, que dizer, de mato que nasce em qualquer canto, e vai se espalhando incrivelmente. É impressionante como existem nanicos aí por, pelas cidades mais... estranhas do Brasil. Re... aparece de... de repente no Sul, no Nordeste, no Norte, nos interiores, aparece, esses nanicos, tá entendendo?, é uma espécie de proliferação, em geral feita por jovens, é uma espécie de prolex... proliferação, que não dá mais pra acabá... não tem, não há mais um controle sobre isso, isso escapa do controle geral, e ao mesmo tempo vai se fazendo uma Imprensa paralela, muito interessante... porque numa época em que, veja bem, a grande Imprensa preconiza, apregoa, e até defende a morte de certas coisas, a imprensa nanica, ela está fazendo isso mais viva do que nunca! O último grande jornal de reportagens, que eu conheci, nesse País, chamou-se Ex. Era um jornal fundamentalmente de reportagens. A força do... a, a parte viva do Ex era a reportagem. Entende?, enquanto isso um Jornal do Brasil, por exemplo, você corre todo o corpo de

Jornal do Brasil e não vê mais a reportagem, onde que está a reportagem? O que você vê é a notinha curta, entende?, e um caderno B feito de matérias estrangeiras, traduzidas, em geral norte-americanas, ou européias, e um jornal que tornou-se cha-to. Além de desinteressante, ele tornou-se também maçante! É... é, porque num... ele num tá recebendo essa ventilação, de novas tentativas, de novas formas, que só poderiam ser feitas num laboratório como a imprensa nânica. O **Pasquim**, por exemplo, com aquela série de entrevistas que eles fizeram, ah... pegando, grandes caras do momento, esde... um jogador de futebol, como o Gêrson, ou como o Almir, até um personagem da cidade, como Madame Satã, entende?, até um... um intelectual como o Pa... o Paulo Duarte... quer dizer, o **Pasquim** deu uma movimentada muito grande naquelas entrevistas, a partir da linguagem. O fato do **Pasquim** transcrever, para o papel, uma linguagem... de diálogo, direta, objetiva, como se fa-la, já é um passo revolucionário incrível, que só se pode dar dentro da imprensa nânica, que é a única que ainda faz labora-tório de no-ti-cia. Ainda faz pesquisa viva. Isso jamais poderia ser feito pelo **Jornal do Brasil**, pelo **Globo** ou pelo Estado de S. Paulo.

Apanham Mas Nunca Aprendem.

Realmente, no momento, o escritor brasileiro está produzindo para a classe média. Não tenho dúvida nenhuma disso. Agora, o problema também dessa produção não é apenas da produção, mas, eu, no momento, eu acredito que já passa pela cabeça do escritor brasileiro a possibilidade da morte do livro. Isso já passa pela cabeça dele. É uma forma de trabalhar, limitadamente, restritamente, mas continuar trabalhando, seria uma forma de resistência, pela vida da coisa que ele tá fazendo. Ess... é um dos aspectos, da coisa. Esse é um dos aspectos da sua pergunta. Eu acho que o escritor hoje, ele tá muito interessado em fazer que pelo menos sobreviva a... o livro escrito. Dentro desse mundo de televisão e dessa penetração maciça da televisão. Esse é um lado da pergunta que você me... me... me respondeu. Me perguntou. Eu acho que a classe média manda no País, porque é ela quem consome. Ela não apenas repr... está, a... muito próxima ao poder, mas ela está fazendo tudo o que o poder manda. Infelizmente não é possível mandar esse recado para populações, mais pobres. Mas... jornalistas e escritores já pensaram atabalhoadamente em tudo isso. Existem jovens, no Rio e em São Paulo, que não podem chegar às tais editoras institucionalizadas, que não têm acesso, então eles começaram a fazer muita produção em mimeógrafo, e, em feiras, em feiras que são feitas em praças, atualmente tem uma em Niterói, no Estado do Rio, essa rapaziada tá indo aos domingos, quando vende os seus contos, os seus poemas, as suas coisas, para pessoas que podem atingir a classe média e podem atingir a população geral porque o sujeito vende aquilo por um, dois, três cruzeiros. Isto do ponto de vista dos escritores. Há uma massa de escritores, cada vez maior, muitos jovens, que estão completamente marginalizados, fazendo a coisa através do mimeógrafo, porque eles não têm entrada, eles não têm acesso às editoras institucionalizadas. Existe, se você me perguntar se isso é válido, eu acho que é válido sim, porque eles pelo menos não deixam de fazer a sua coisa, de tentar dar o seu recado, já que eles não podem sequer chegar a essas tiragens, que são ridículas, de 3 mil exemplares, eles pelo menos tiram 200, 300, 500, mas veiculam a sua coisa. Menos industrialmente ainda do que o processo

Quanto à possibilidade de se fazer uma descentralização do jornalismo brasileiro, já noutra faixa, a do jornalismo, existe toda uma equipe que tem lutado por isso desesperadamente, a partir de 1968, o Af-S. Bom, essa foi exatamente a equipe que fez a revista *Realidade*. Esta equipe... tem resistido esse tempo todo, tentando descentralizar jornalismo e fazê-lo através de imprensa nânica, como foi o caso do *Bondinho* em São Paulo, e do *Grilo*, entende?, que eles fizeram o *Bondinho* e o *Grilo*, depois então houve a tentativa de um jornal, transado... um jornal transado, quer dizer, com categoria, feito no interior do Paraná. Então essa mesma equipe foi fazer o jornal *Panorama*, em Londrina, norte do Paraná. Eu participei dessa aventura, que durou exatamente menos do que 3 meses, e acabamos todos pior do que quando tínhamos ido pra lá. Não deu certo. Seria uma tentativa de descentralizar, em vez de ficar com 2 pólos chamados culturais, Rio, São Paulo, transformar aquela área do Paraná e abranger talvez até o resto do Sul, e transformar também aquilo num pólo cultural. É uma tentativa que, no fundo, depois o pessoal voltou, e pegou de novo pra valer o Ex, tentou fazer um jornalismo de alta categoria, principalmente reavendo todos esses... é... essas coisas que se dizem hoje meio mortas, ou semimortas, como a reportagem, e fazer em grande estilo, também não deu certo, o Ex morreu no grito, foi morto pelo... pelo aparelho censorial. Atualmente essa mesma equipe continua insistindo, apanham mas nunca aprendem, começam a construir as coisas pedrinhas sobre pedrinhas, depois vem o vendaval, ou um bofetão, ou um pontapé, derruba tudo!, e eles começam novamente a botar pedrinha sobre pedrinha, até tentar fazer alguma coisa. E hoje estão fazendo um jornal de São Paulo, um tabloide chamado *Aqui São Paulo*.

Infelizmente é um jornal de São Paulo, para São Paulo, até por problemas de mercado, não tem uma penetração nacional. Mas eles conservam viva a mesma coisa que o escritor tenta fazer nos livros dele, com tiragens ridículas, com problemas de divulgação, de transporte, de distribuição, etc. Eles sabem que fazendo *Aqui São Paulo* eles não vão resolver nada, mas pelo menos, enquanto eles estão fazendo *Aqui São Paulo*, eles estão fazendo um jornalismo de classe, de... de verdade... de uma tentativa de um jornal verdade, e estão criando discípulos, porque em cada redação dessas você sempre forma alguns profissionais com mentalidade nova. Então, é esse o trabalho que tá sendo feito. Ou, melhor, é todo um trabalho de resistência, por um lado os marginais, os mar-gi-na-li-za-dos, que vão com as suas coisas pra feira, vão pra praça vender o seu negócio mimeografado, porque não têm acesso nem a essa indústria, que é precária, mas que já existe, que são as... é que é representada pelas editoras institucionalizadas, e por outro lado essa turma de jornalistas que vão tentando fazer uma imprensa nânica e que, de certa forma vai resistindo, pra que essa coisa não morra, tá entendendo?, e tem se diversificado, essa coisa tem se diversificado, hoje existe nanicos em todo o País, praticamente, entende? que são discursíveis, que são questionáveis, cujo enfoque às vezes está até errado, tá entendendo?

Ah, outra coisa, outra coisa... talvez, talvez a... a... a melhor de todas as contribuições da equipe da Realidade eu não falei aqui, porque me esqueci. Foi o *Jornalivo*, o *Jornalivo*, que era um livro publicado em jornal, dobrado assim em quatro, e que era distribuído a preço muito acessível. Naquela época, ali por volta de 69... 70... não não, posteriormente 71, por aí. É, 71, 72, não é?, é... foi... era distribuído a 2 ou 3 cruzeiros, e publicavam autores de categoria. Quer dizer, foi uma ten... talvez a, a contribuição mais seria desse pessoal todo.

Olha, cê sabe, cê já viu esses filmes de samurai? Negócio de técnica asiática de briga? Negó seguinte: eu posso lhe garantir que eu não publicaria esse livro aqui (N.R. — *Malhação do Judas Caricoa*), se a situação fosse normal no País. Eu não publicaria esse livro. E nem escrever aquele Corpo-a-Corpo com a vida, que eu escrevi. Eu não escreveria aquilo. Eu só escrevi esse negócio, porque... a critica, me badalou de tal maneira, que ela própria stava precisando de levar uma pancada. Eu acho que essa... tentativa, de carta de princípios ai, pode sofrer críticas muito maiores do que ela já sofreu. Ela tem sido criticada, tem sido malhada, e... alguns elementos têm até certos pontos respeitáveis. Uma coisa é verdade, também: se, ontem, num Encontro aqui de Brasília, uma professora como a Dirce Rivel perde tanto tempo falando de conto-reportagem, é graças a esse troço ai. E eu acho que, a partir daí, é bem verdade que eu cutuco a maioria dos escritores brasileiros. Eu, procuro chama-los, a uma realidade. E com isto eu me exponho a uma pancadaria geral. Mas em compensação, depois disso a coisa muda um pouco. Então, é natural que seja criticado. Se estivéssemos vivendo em tempos normais eu não publicaria esse livro, não. Entende? Eu acho que essa tentativa de alertar quem escreve, no Brasil, pra fazer uma arte... mais vinculada à realidade, e menos aleatória, é uma tentativa típica desses anos que nós estamos vivendo. Eu não faria isso se nós estivéssemos em tempos normais, não. E eu acho até que esse livro foi pouco malhado!

Eu queria, lembrar, por exemplo, um mérito dos nânicos, que também não foi citado aqui, mas que é uma omissão indesculpável. E o jornal Movimento. Eu acho que o jornal Movimento está fazendo um trabalho maravilhoso, naquelas Estórias Brasileiras, e também nas Cenas Brasileiras, quando ele abre possibilidades para escritores, conhecidos ou não, para jornalistas, conhecidos ou não; sujeitos mandam prá lá um flagrante de vida brasileira, e aquilo é publicado. Então, eu acho que ali já se está fazendo, vivamente, o conto-reportagem, muito mais válido do que o que se faz em livro. Porque, veja bem, o meu livro ele atinge no máximo, por edição, cinco mil leitores, mas o Movimento não. Ele tem uma área de abrangência, de divulgação, de penetração, de circulação, muito maior. Então eu acho que, no fundo, não adianta atacar o conto-reportagem, porque ele... ele está sendo feito, eu acho ótimo que se ataque isso, porque, aí, tá mais aceso o assunto, entende?, o pessoal tá mais preocupado com isso. O que o Movimento abriu, com Estórias Brasileiras e com Cenas Brasileiras, é o seguinte: é a possibilidade do escritor fazer jornalismo, e do jornalista fazer literatura, entende?, e não divorciar essas coisas, porque já há uma diferença absurda, a meu ver, no Brasil, de querer diferenciær escritor. Escritor, bem... escritor é aquele que escreve obras de ficção, ou jornalista não é escritor. Escritor, bem... escritor é aquele que escreve obras de ficção, ou jornalista não é escritor. Isso é uma burrice, isso nos Estados Unidos não existe mais. Um homem que trabalha em jornal, que escreve, é considerado um escritor. Evidentemente que ele não é um prosador de ficção, ele é um jornalista, mas é um escritor. E por que que as coisas não se entrecruzam? Por que que esse casamento tem sido tão evitado, durante esse tempo todo, será que não é uma manobra do próprio sistema, para impedir que apareça um tipo de literatura, ou de coisa litero-jornalística, mais palpável, mais perto da realidade? Não será uma manobra nesse sentido? Então vamo botá isso em cheque. Se for essa a manobra, essa manobra vai ser desfeita agora. Então a contribuição do Movimento é muito grande, e que se ataque o conto-reportagem aqui muito bom, porque o importante, veja bem, é não deixar a coisa, é... cair no esquecimento. É discutir a coisa, inclusive atacando. Porque eu acredito que o conto-reportagem, ou esse tipo de literatura mais próxima do jornalismo, ou esse para-jornalismo, no Brasil, ele está apenas enganatinhando. E ele vai sofrer desdobramentos muito grandes. Nós não sabemos o que vem aí. Você pode, por exemplo, ah... os jovens... jornalistas, ou escritores, podem por exemplo a partir desse fato, partir pra outras coisas, pra outros desdobramentos. Eu acho que o importante é a discuss

**Corpo-A-Corpo Com A Vida,
Malhação Da Crítica,
Pau No João Antonio.
O Movimento Continua,
E O Conto-Reportagem
Está Engatinhando No Brasil.**

Com a palavra João Antonio

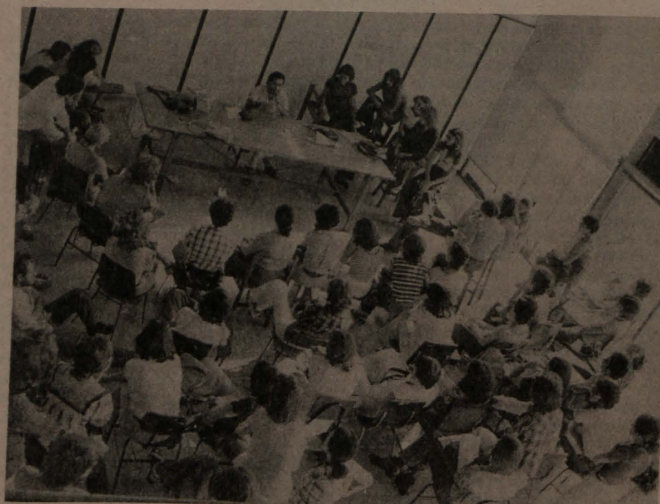
são disso. Agora, o papel do jornal Movimento é maravilhoso, entende?, e ele continua. Eu acho que, através de uma Cena Brasileira, ou de uma Estória Brasileira, se dá tanto recado quanto na mais... na mais objetiva de todas as reportagens. Eu acho isso tranquilamente, entende? Com a vantagem de que não trabalha apenas com o dado frio que é o número.

Cultura É Saber Comer, O Livro É Apenas Um Reflexo. A Revolução Cultural no Brasil Tem Que Ser Feita Pedra Por Pedra.

Ah, claro, você tem toda razão... você tem toda razão, eu falei aqui que, veja bem, o problema do livro não é nenhuma ilha, no problema cultural, e o problema da, da... do livro, tá incluído dentro do problema, ah... cultura, que tem também o problema educação, que tem, enfim, tudo isso é um todo que tem que ser modificado. É evidente, a falha de estrutura. Apenas, o livro é um reflexo dessa falha de estrutura, entende? Nós hoje tivemos conversando pelo, pelo... com aquele garoto, qual é o nome daquele... hein? ... é, com aquele menino que vinha dirigindo. Nós tivemos falando isso que não adianta nada você quer fazer uma reforma, uma modificação apenas do lado, digamos, econômico. É preciso fazer uma reforma cultural. É preciso haver uma reforma, eu digo cultura não no sentido livreço, nem cinematográfico, nem pictórico, quer dizer, é cultura do ponto de vista antropológico. Cultura é comer, cultura é saber escovar dente, cultura é saber vestir, cultura é saber falar, é saber morar, etc. e tal, sem haver uma reforma cultural, e que é todo um processo, inclusive com altos e baixos, com zig-zags, não vai se resolver nada. Entendeu?, nós não vamos resolver o problema da literatura isoladamente, ninguém pense que neste País se pode chegar à maravilha dos 50 mil exemplares, exigidos por um editor nos Estados Unidos, de uma hora pra outra. Quer dizer, ninguém vai resolver isso de uma hora pra outra, a briga é justamente, tem que ser todo um processo. O problema da literatura brasileira, é muito parecido com o do cinema, da pintura, e não são ilhas, fazem parte de um todo, a falha é estrutural, é claro. Não adianta nada você... você então resolveria tudo então com ah... ah... espécies de soluções econômicas, mas você não pode resolver um problema de um indivíduo que não sabe comer, dando apenas, dando dinheiro a ele, porque ele come... ele come mal porque ele come errado, aí você dá dinheiro a ele, sobe o que é que acontece, ele vai comer mais... errado. Ele não vai comer certo. O problema é você ensinar esse sujeito como é... o que ele vai comer, além de dar condições econômicas pra ele, pra ter que comprar, porque aqui o problema não é esse só de não saber comer, é falta de dinheiro também. Quer dizer que, há todo um processo cultural que tem que ser feito no Brasil. Feito! Inaugurado, feito, feito, é pedra por pedra, não é nada, num vai acontecer nada de diferente aqui, e nem de repente, não.

Os Intelectuais Não Tomaram A Televisão De Assalto Ela Caiu Na Mão Do Consumismo. Podem Marcar No Papelzinho. Assistindo Gabriela, Cravo e Canela, João Via As Mulheres E Os Cabarês, Mas Não Via O Cacau.

Olha aqui, em 55, quando apareceu... em 55, quando apareceu esse fenômeno chamado... essa cai-xa mágica, chamada televisão, entende?, houve um maluco aí que disse: olha, se eu fosse vocês, aí, intelectuais, eu tô... é eu eu trataria de tomar essa máquina aí de assalto, antes que ela caia na mão do dinheiro. Pois bem, os intelectuais não se aproximaram da televisão, porque eles estavam numa posição beletística, dou-toral, eles diziam assim: não, esse negócio de televisão, que que é isso, deixa esse negócio de te-



João Antônio é, antes de tudo, um crítico. E a sua crítica sobre a Imprensa diária brasileira é esta: os nossos jornais não se renovam e nem procuram criar uma nova linguagem.

levisão para os técnicos, num sei o quê, para o artista de rádio, nós não vamos fazer isso, nós vamos ficar fazendo livros, e tal, e tratados, e estudos, e tal. Não tomaram a televisão! Pois bem, não tomaram a televisão, e a televisão está no que está. Então não há a menor entrada de cultura brasileira, dentro da televisão brasileira. Por quê? Porque os homens que deviam ter providenciado isso, quando chegou o aparelho aqui, não providenciaram, ficaram numa posição cômoda. Não se fez nada, então hoje você tem toda razão, você abre um rádio às 3 horas da manhã e tá lá o diabo da música estrangeira, entende?, você abre um rádio o dia todo não vê uma informação cultural, mas não é só de literatura, é sobre tudo, sobre tudo, qualquer aspecto de cultura brasileira, entende?, porque tá berando lá dia e noite é "tome coca-cola", é "fume não sei o quê", é não sei o que, aquele aquela coisa de consumo, consumo, consumo, consumo, o tempo todo. Realmente, o problema, veja bem, eu acho que não é só difícil, mas no momento, quase que... esse trabalho de divulgar a coisa brasileira, não é nem pra obter uma divulgação não, é para obter talvez apenas que ela sobreviva, vamos dizer assim, numa espécie de... de resistência, ao consumismo, só isso, porque não é possível fazer mais nada, vocês vêem televisão um mês, e pode pegar no papel vocês que estudam Comunicação, façam esse negócio, vai vê televisão duas horas por dia, por noite, por dia, vê lá, tá, pega um pedaço de papel, bota lá: número 1, 2, 3, 4, 5, 6, 30! Fiquem ali diante daquele televisor e marquem, no papelzinho, qualquer informação cultural que tiver.

Eu acho o problema meio complexo, aparentemente sim, na realidade não. Eu acho que, a televisão, quando ela se apropriou... quando ela aproveitou a literatura brasileira, foi o caso muito específico de Gabriela, Cravo e Canela, ela teria que aprovê... para que a coisa funcionasse, e desse certo, ela teria que aproveitar a literatura brasileira: mas com o escritor muito por perto da produção. Sabe? Porque, se o escritor não tá por perto, foi o caso de Gabriela, Gabriela acabou sendo totalmente esvaziada pela televisão. O que o romance Gabriela, Cravo e Canela tem de mensagem brasileira, sobre a mudança de uma geração que vivia... de gera ah ah... um choque de gerações que vivia, ah... à sombra da produção de cacau, na Bahia, foi totalmente esvaziado pela televisão. Eu mesmo, estava vendo essa novela, e vou lhe contar, que ...

eu estava me interessando pela novela, me interessando muito, então um dia eu me perguntei porque que eu tava me interessando por essa novela. Sabe o que tava muito mais interessante do que a história de Gabriela, Cravo e Canela? Estava a reconstrução de época, através de um décor maravilhoso, de mulheres penteadas e maquiadas, como naquela época, de homens vestidos como aquela época, como reconstrução de pequenos locais, cabarês, bares e tal, daquela época, então, o décor, a montagem, é um negócio que abafava a mensagem totalmente, e eu não tava mais preocupado com o problema de cacau, de coisa nenhuma, eu tava preocupado em saber se o bigode do sujeito tinha o lado direito mais gamalizado do que o lado esquerdo, entende?, se a menina tava com os olhos mais pintados do lado direito ou do esquerdo, eu tava preocupado com o decór! Era isso que tava me atraindo. Era isso e só isso, eles... Teria que contribuir, exato, mas acontece que a mensagem maior foi esvaziada pela televisão, que não tava interessada em dar mensagem nenhuma, ela tava interessada em ganhar IBOPE, então ela coloca aquele sotaque ri-di-cu-lo!

Claro... claro... eu acho o seguinte, que infelizmente, o processo de se, ah... essa coisa de se aproveitar o trabalho do intelectual em televisão só funciona quando o intelectual tem uma intimidade muito grande com a televisão, entende?, inclusive como pré... o processo técnico da televisão. É o caso do Dias Gomes. O Dias Gomes conseguiu dar algum recado na televisão, porque ele tem um profundo conhecimento daquilo. Inclusive da técnica de se fazer televisão, de se fazer novela. Por que? Porque Dias cansou de fazer novela de rádio. É... é... cansou de fazer totonovela, vive com uma mulher, que é Janete Clair, que é autora de mil fotonovelas, e telenovelas e tal, quer dizer, ele tem um conhecimento íntimo da coisa, então ele sabe em que altura da coisa ele pode dar algum recado, ele pode dar alguma mensagem, naquele, naquela coisa toda da novela. Mas não é o meu caso, por exemplo, ou o caso de um escritor que não tenha intimidade com o meio da televisão. Aí porque o erro do escritor em 55, foi não ter se aproximado da televisão, porque se ele se aproximou, nesses 21 anos, ele tinha dominado o instrumental, entende?, e hoje nós teríamos uma televisão de certa forma diferente.

Olha, eu gostaria primeiro de diferenciar, por um problema não de conceito mas de mérito da

coisa, eu gostaria de diferenciar um pouco literatura erótica de pornografia. Eu acho que a alta literatura erótica, feita com classe, ela não vende como a pornografia que vende no Brasil. O que o senhor está se referindo, me parece ser mais Cassandra Rios e menos Henry Miller. Entende? Mas, essas coisas que andam por aí, que isso realmente, eu perguntaria, até o seguinte: ondê que está o organismo sensorial, o instrumento censório, que não procede numa hora dessa? Porque o senhor pega todo o desfile de livros de Cassandra Rios, por exemplo, não estou atacando uma autora, eu tô atacando um fenômeno, que é o livro pornográfico, e veja qual pode ter sido a contribuição para a chamada cultura brasileira. Existe uma expressão típica para determinar, ah... esse, teatro de revista, de baixa qualidade, é o chamado "teatro de bunda", sabe? Agora, evidentemente que apelando para o que ela apela ela tem que vender, companheiro, a partir da capa! O senhor num... não há uma capa dessa literatura pornográfica feita no Brasil, que não seja apelo sexual. No pior sentido disso. Enquanto por um lado está se tentando fazer uma revolução pela mulher, sei lá o que, muito à brasileira, por outro lado a mulher tá transformada em objeto..., na capa desses livros. Mas, comple... em objeto, em coisa! Em coisa vendável, imediatamente.

Eu acredito que, do ponto de vista da tese, ela pode até estar séria, estar certa. Principalmente partindo de uma lésbica (N.R. — Cassandra Rios), não tenho nada contra o lesbianismo dela, cada um faz do seu corpo aquilo que quer, mas eu acho que há debaixo disso um farisaísmo muito grande. Eu acho que há muito mais uma intenção dinheirista, imediatista, e de lucro, do que contribuir para as causas para a causa das minorias eróticas brasileiras. E vou lhe dizer uma coisa mais, eu acredito que o problema das minorias eróticas brasileiras, com todo o respeito que eu possa ter por homossexuais, de toda natureza, ele não chega a ser fundamental dentro da população brasileira! Quando se pensa nos problemas mais graves, de doença, de fome e de subnutrição, e de falta de lastro habitacional, eu acho que o problema de minoria erótica fica bem menor, não?

A fala de João Antônio no Departamento de Comunicação aí está.

O texto foi mantido na forma original, isto é, no estilo em que João fez a palestra. A publicação é feita, mesmo fora dos padrões normais de uma reportagem, para acolher uma sugestão de quem, não se conformando com a forma vigente no jornalismo brasileiro, tenta oferecer uma alternativa. O Campus, como jornal-laboratório, submete aos seus eleitores, os próprios alunos da UnB, uma experiência e não acrescenta a ela qualquer tipo de comentário. O exame crítico de cada leitor é que poderá ter uma validade maior, no eventual confronto entre os estilos atuais e a idéia de João Antônio. Esse o nosso objetivo.